

Amanda Oliveira Rabelo

**A sexualidade do escolar adolescente:
entre os ditos e os não-ditos**

9,0

Rio de Janeiro
2000

Amanda Oliveira Rabelo

**A sexualidade do escolar adolescente:
entre os ditos e os não-ditos**



A SEXUALIDADE DO ESCOLAR ADOLESCENTE: ENTRE OS DITOS E OS NÃO-DITOS

AMANDA OLIVEIRA RABELO

Monografia apresentada à Escola de
Educação da UNIRIO para obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia

Professor Orientador: MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS

Rio de Janeiro
2000

RABELO, Amanda Oliveira. A sexualidade do escolar adolescente: entre os ditos e os não-ditos. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação, 2000, 76 p.

R112 Rabelo, Amanda Oliveira.

A sexualidade do escolar adolescente: entre os ditos e os não-ditos
/ Amanda Oliveira Rabelo. – Rio de Janeiro, 2000
76 f.

Monografia (graduação em Pedagogia) - Escola de Educação,
Universidade do Rio de Janeiro, 2000.

I. Sexualidade – educação fundamental. I. A sexualidade do
escolar adolescente: entre os ditos e os não-ditos.

CDD 372.372

CDU 372.861.388

Agradecimentos

Nessa monografia muitas pessoas me auxiliaram e não posso deixar de agradecer a elas nesse espaço.

Primeiramente a todos, diretores, coordenadores, professores e alunos das Escolas Municipais que possibilitaram minha entrada, me recebendo e auxiliando no que fosse preciso para fazer a pesquisa fruto de estudo dessa monografia.

Novamente preciso agradecer a minha orientadora Maria Amélia, pois sem ela não conseguiria desenvolver esse trabalho, foi ela que me incentivou em todas as leituras e em todas as idéias para esta monografia.

Agradeço à diretora da Escola de Educação Dayse Hora que no percorrer das disciplinas Seminário Filosófico I e II, auxiliou-me na elaboração do meu projeto e na delimitação do meu tema, não só na sala de aula, mas nas inúmeras sessões particulares em que a ocupei na Escola de Educação.

Agradeço também à professora Sueli que, mesmo me conhecendo a pouco tempo, me acolheu nas minhas dúvidas e me auxiliou muito na implementação dessa monografia.

À professora Sandra e à professora Ângela, que mesmo não tendo muito a ver com minha monografia, me deram algumas dicas.

Às minhas amigas Rosália e Elisangela que no percorrer do nosso trabalho e nos estudos para que conseguíssemos nos formar, se mostraram sempre prontas a ajudar e implementaram algumas buscas juntamente comigo.

Enfim, agradeço a todos, professores, colegas e familiares, que me ajudaram nessa busca por conhecimentos e por solucionar questionamentos durante o decorrer da graduação.

Escondido, o sexo? Escamoteado por novos pudores, mantido sob o alqueire pelas mornas exigências da sociedade burguesa?
Incandescente, ao contrário. Foi colocado, já há várias centenas de anos, no centro de uma formidável "petição do saber". Dupla petição, pois somos forçados a saber a quantas anda o sexo, enquanto que ele é suspeito de saber a quantas andamos nós.

Michel Foucault

Resumo

Este trabalho monográfico busca, baseado nos conceitos de Foucault, expor como a Educação Sexual tem se apresentado nas escolas públicas de ensino fundamental. Esse estudo é empreendido pela observação das atividades dos núcleos de adolescentes, que tratam de sexualidade com alunos voluntários de 5ª a 8ª séries, de três escolas municipais do Rio de Janeiro. Trago à tona, as narrativas dos escolares sobre o sexual dentro do contexto escolar e a busca desses alunos por uma “verdade” sobre o sexo, que na maioria das vezes é procurada longe das casas e fora da escola, ~~sobre~~ a qual a sexualidade é vista como algo do campo biológico-reprodutivista. Nessa procura os alunos utilizam outros meios que escapam à disciplina da escola—os não-ditos—daí estudar especificamente os cadernos de pergunta. Para empreender esse estudo fez-se necessária uma explicitação de conceitos sobre sexualidade, um histórico da educação sexual escolar e análise dos PCNs, para então relacionar o que os professores ensinam com o que os alunos querem realmente saber sobre sexualidade e busca do outro. Percebi nas minhas leituras e nas atividades dos núcleos de adolescentes, que a escola e a sociedade não escondem totalmente a sexualidade, pois a todo o momento fala-se e exalta-se a mesma, encobrindo certas questões que muitas vezes nem as percebemos relacionadas ao sexual, como, por exemplo, a busca pelo conhecimento do outro, fato que se tornou evidente no convívio com o grupo. Apesar de encobrir certas questões os núcleos de adolescentes representam um caminho para que o silenciamento do sexo na escola seja quebrado.

↓
do ber! so-nunca voce?

SUMÁRIO

Sumário	p. 7
Introdução	p. 8
I – Sexualidade: Várias Concepções	p. 13
I.1- A sexualidade e o princípio do prazer	p. 15
I.2 A sexualidade e a(s) cultura (s)	p. 18
I.3 A sexualidade e o dispositivo saber/poder	p. 22
II – As políticas governamentais de Educação Sexual	p. 25
II.1 Breve Histórico da Educação Sexual	p. 29
II.2 A Educação Sexual e os PCNs: O Controle e a Disciplinação	p. 36
III – Os escolares e seus questionamentos:	
o abismo que separa o que se diz na escola e o que se quer saber	p. 43
III.1 Escola A: A ciência e a informação acima de tudo	p. 45
III.2 Escola B: Valorização das interações entre os grupos	p. 54
III.3 Escola C: Valorização das relações entre os adolescentes	p. 64
Conclusão	p. 73
Referências Bibliográficas	p. 75

Introdução

O interesse pelo tema Educação Sexual surgiu na Escola de Educação, no Curso de Pedagogia, pois, apesar de ocorrerem alguns questionamentos sobre a forma com que a sexualidade é negada na nossa sociedade, não tinha refletido sobre o tema e muito menos conhecia alguém que sobre este pensasse, pois na nossa sociedade até mesmo grande parte dos educadores consideram que a sexualidade não é importante para ser tratada numa sala de aula e nem um tema a ser cogitado no trabalho pedagógico escolar. Será por medo, desconhecimento ou falência da escola propiciada por uma educação opressora?

Durante o período da graduação cursei uma disciplina optativa, que traria por escopo a Educação Sexual, passei a refletir e me interessar pelo tema, claro que no início não tinha consciência de todo o jogo de poderes e saberes que envolvem a sexualidade na nossa sociedade e, particularmente, na escola. Ao finalizar a disciplina fiz um trabalho sobre a 'sexualidade brasileira', avançando para além do requerido e mergulhei em outras leituras acerca do tema.

Esse trabalho possibilitou à professora dessa disciplina e minha atual orientadora Maria Amélia Reis, compreender meu interesse e me convidar para ser bolsista de iniciação científica em sua investigação "A (re)Invenção da Escola Pública: a sexualidade e a formação continuada dos jovens professores". No decorrer da pesquisa comecei a questionar a educação sexual oferecida pelas escolas por não dar conta dos questionamentos feitos pelos próprios alunos, na medida em que constatei nos diversos momentos em que estive em contato com os escolares, que eles acabam por buscar outros meios para se informar/conversar/interagir sobre a sexualidade neles afluída.

Até então não havia estabelecido o tema para minha monografia e, devido ao meu recente interesse e por estar pesquisando e estudando a sexualidade, resolvi fazer desta minha questão básica a discutir.

Acompanhando o desenvolvimento da pesquisa institucional acima citada, vivenciei experiências educacionais em 3 núcleos de adolescentes pertencentes a 3 escolas do Município do Rio de Janeiro, ouvindo, observando e descrevendo os fatos e dados relativos ao tema e ~~postos~~ a esse cotidiano vivenciado por alunos e professores.

A propósito dessa vivência muitos questionamentos me foram surgindo, tais como:

- Por que os professores coordenadores desses núcleos continuam a tratar a sexualidade como algo pertencente ao campo do biológico e deixam de tratar o que os alunos realmente querem saber?
- Que questões, efetivamente, interessam aos alunos?
- Qual a visão dos professores sobre esses alunos e o que acham que eles têm que saber?
- Aonde os alunos vão buscar as respostas às suas questões sobre a sexualidade e sobre o outro, já que não as têm respondidas na escola?
- Porque os alunos não perguntam tudo o que querem saber nos núcleos, na medida em que nestes são voluntários?
- Os alunos acorrem aos núcleos por vontade própria, pelo desejo de compartilhar saberes sobre a sexualidade - em que são atendidos nesse desejo?

Nesse trabalho monográfico busco, relatar como a Educação Sexual vem se processando nas escolas públicas de ensino fundamental, trazendo à tona, as narrativas dos escolares sobre o sexual dentro do contexto escolar e a busca desses alunos por uma “verdade” sobre o sexo, que na maioria das vezes é procurada longe das casas e fora da escola, pois esta – espelho da sociedade – como num jogo de “esconde-esconde”, esconde, revela e camufla a sexualidade. A proposta foi não só compreender, mas também compartilhar com você/leitor essa busca que agora empreendo e que, com certeza, gerará muitos questionamentos até que os “tabus” sejam efetivamente desvelados.

Percebi nas minhas leituras e na observação das atividades dos núcleos de adolescentes, que a escola e a sociedade não escondem totalmente a sexualidade, pois a todo momento fala-se e exalta-se a mesma, encobrendo certas questões que muitas vezes nem as percebemos relacionadas ao sexual, como, por exemplo, a busca pelo conhecimento do outro, fato que se tornou evidente no convívio com o grupo.

A maior parte dos discursos sobre o sexo, no interior da escola, ou seja, a educação sexual escolar, pelo que pude perceber ao longo da pesquisa, é quase sempre tratada como algo pertinente ao campo biológico-reprodutivo. Os aspectos sócio-culturais da sexualidade e seus tabus são “camuflados” em explicações biológicas como a gravidez, os métodos anticoncepcionais, a amamentação, as doenças sexualmente transmitidas e outros. Algumas atividades escolares estão no rol das exceções, pois levam a refletir mais por outros caminhos, porém são poucas e rápidas e os professores não percebem que evidenciam a

'biologização' do sexo, em seus fazeres, na medida em que a própria sociedade exerce uma grande pressão sobre eles. Essas atividades representam os *ditos* como práticas discursivas presentes na sociedade.

Na maioria das vezes, as crianças/adolescentes são silenciadas para esse tema e induzidas a questionar e responder de acordo com o padrão de conduta e moral pré-estabelecidos. Entram no "jogo" e fazem perguntas do tipo que agradam ao adulto e, particularmente ao professor, porém fora do meio escolar, e, entre elas, há uma busca por outras formas de conhecer as "verdades" sexuais que lhes possam responder às suas ansiedades e busca pelo contato efetivo com o(s) outro(s) de seu afeto.

Nessa procura os alunos utilizam outros meios que escapam à disciplina da escola que, na maioria das vezes, lhes nega uma visão mais ampla da sexualidade, reduzindo-a e delimitando-a em torno do lugar que a sociedade impõe, ou seja, ao campo biológico-reprodutivo. Ou seja, os alunos buscam os não-ditos que são as práticas não discursivas, que apesar de não evidentes são expostas na sociedade e suas institucionalizações de maneira silenciosa, mas declaradas, expostas de maneira a coibir a procura por essas outras manifestações não oficiais, principalmente de sexualidade.

Entre os meios "marginais" e subterrâneos encontrados nessas escolas pelos alunos posso citar: as conversas silenciosas e fortuitas em meio ao recreio, os Cadernos de Perguntas que percorrem os 'subsolos' das carteiras escolares e, atualmente, os *Chat's* (Bate-papos) inscritos nos *sites* da internet.

Este trabalho monográfico limita-se a análise dos cadernos de perguntas que assemelham-se aos chats/bate-papos da internet. Essa delimitação se deu pela constatação de que muitos dos "não-ditos" se encontravam nos cadernos de perguntas presentes nas escolas observadas que, por se localizarem em áreas muito pobres, não têm acesso aos *chats* tão presentes no contexto atual das tecnologias da informática. Os cadernos de perguntas, "chats de quem não tem computador", relacionam-se com os *chats/bate-papo* já que ambos são, de certa maneira, 'hipertextuais' pela relação integrada das perguntas e respostas. Busquei ainda verificar nesses meios como se dá a procura de si, tomada em relação ao outro, bem como a procura de si por si mesmo, como anuncia Foucault.

Para a realização desta pesquisa utilizei também a observação das narrativas e questionamentos emitidos pelos alunos e professores durante as reuniões do núcleo. Analisei também os próprios instrumentos de busca de respostas ao problema colocado: um caderno de perguntas de alunos de cada núcleo das escolas.

Este trabalho traz como fundamento os estudos e obras de Michel Foucault, ^{em que se discute a} naquilo em que este autor discute os jogos de saberes e poderes em que o saber da ciência biológica é questionado ^{como} enquanto-legitimador de políticas disciplinadoras e coercitivas sobre o sexo. Procuro também entender como o autor elabora sua teoria sobre a subjetividade nos livros "Vigiar e Punir", "Microfísica do poder", entre outros, procurando compreender a utilização de toda uma tecnologia de poder ^{contribuída} tomada em relação ao corpo, sendo este compreendido como algo analisável e manipulável pelo poder e outros mecanismos como o da coerção e punição. Os alunos percebem esses mecanismos e deles se "protegem" falando da sexualidade e escondendo as questões que gostariam de saber, preservando-se com receio de punição.

Para melhor compreender os estudos de Foucault e articulá-los à pesquisa que tem por base uma crítica à prática educativa, foram utilizados textos de autores que fazem uma interpretação dos livros, trabalhos e conceitos foucaultianos, tendo em vista que os trabalhos deste autor são muito complexos e precisam de uma base maior de reflexões e entendimentos sobre eles para os conceitos que aborda. Nesse sentido faço uso, ainda, de muitos trabalhos e pesquisas de minha orientadora e os textos lidos durante a pesquisa sob sua orientação.

Tomando por base, os trabalhos de pesquisa sobre o saber docente e sua construção das professoras Célia Otranto, Nilda Alves e outros, passei a compreender alguns caminhos que possibilitaram aos professores silenciarem sobre o sexo, bem como, se omitir no debate político sobre o tema.

O trabalho apresenta-se, inicialmente, como uma reflexão do que é Educação Sexual e Sexualidade, articulando vários autores para buscar compreender como ela é vista em nossa sociedade.

Em um segundo momento traz um breve histórico da Educação Sexual, da situação atual dos professores e uma análise dos PCNs ^{em} enquanto política pública educacional que traz em si concepções sobre sexualidade. ^{para, então, a}

Para, então, apresentar como estudo de caso a pesquisa nos três núcleos de adolescentes de três escolas do Município do Rio de Janeiro, que analisa as narrativas dos alunos nas atividades propostas pelos professores, bem como, o conteúdo contido nos cadernos de perguntas, buscando os não ditos nestes instrumentos.

Por fim, a conclusão remete à distância do que os professores ensinam e o que os alunos procuram saber nos cadernos de perguntas, à biologização da sexualidade nas informações transmitidas e nos conceitos a que se dá primazia nesses encontros. Sem deixar

de analisar as poucas resistências que se apresentam no contexto desses núcleos de adolescentes, principalmente demonstradas em atividades que buscam o relacionamento entre os alunos.

Enfim, busca-se um caminho que já começa a ser trilhado com a criação de um espaço de discussão sobre sexualidade e que pode ser um ampliado, ou mesmo, melhor aproveitado para que o silenciamento do sexo na escola seja quebrado.

Por como o ato do pt se reflete: a temática da sexualidade faz parte do currículo não. Todo o mal dito q se está apontando se condizem a uma produção curricular. E nesse mês que eu me interessei mais pelos seus trabalhos.

I – Sexualidade: Várias Concepções

Sexo é coisa muito simples. Eu explico os essenciais em poucas linhas. (...) Pra se entender o sexo há de se entender a música que ele toca. (...) A música que o corpo quer tocar se chama prazer. (...) Os instrumentos da orquestra-corpo são os seus órgãos. (...) todos têm uma utilidade. Além disso esses mesmos órgãos e membros são lugares de prazer. (...) Entre os órgãos da orquestra-corpo estão os órgãos sexuais. Não há nada de especial que os distingua dos outros. Como os demais órgãos eles são fontes de prazer. Os prazeres do sexo são variados. Vão desde uma sensação muito suave que mais parece uma coceira de bicho-de-pé e que chega a provocar riso, até um prazer enorme, explosão vulcânica, que tem o nome de orgasmo, e que deixa aqueles que por ele passaram semimortos. (...) Mas eles anunciam o fim da brincadeira. (...) Complicados são os pensamentos dos seres humanos sobre ele (o sexo). Os homens por razões que não entendo, passaram a considerar o sexo uma coisa vergonhosa. Rubem Alves¹

Apesar da simplicidade do sexo, nossa sociedade, com seus tabus, não transmite essa visão. O sexo aparece como algo vergonhoso, impuro, feio, proibido, e vários outros sinônimos totalmente opostos à *brincadeira* sobre a qual Rubem Alves denomina ser o sexo. Será que o sexo deve ser visto dessa maneira e será que a sexualidade deve estar atrelada a essa concepção de sexo, sendo conseqüentemente proibida e controlada?

A televisão vem trazendo atualmente um forte apelo à sexualidade, deixando muitas pessoas perplexas. Isso pode ser observado através de várias exclamações que são ouvidas comumente na população como: *Nesse horário que tanta criança vê televisão tem tantas cenas picantes, isso é um absurdo!! Aonde esse mundo vai parar!!... A televisão está jogando fora a moral!* Mas o que a população não percebe é que falar sobre a sexualidade e o sexo, é uma estratégia da nossa sociedade capitalista, uma forma de vontade de saber que visa o controle da população.

Este trabalho não vem questionar o apelo que a televisão faz à sexualidade, (deixando para você/leitor esse papel se houver interesse para tal questionamento), mas refletir sobre as estratégias de controle da sexualidade dos escolares e simultaneamente o controle social exercido.

Segundo Foucault (apud, REIS)² em suas teses, a sociedade capitalista não obrigou o sexo a silenciar-se, ao contrário, este é incitado a manifestar-se e esta mesma sociedade nos convida a falar de nossa sexualidade. A vontade de saber da nossa sexualidade,

¹ ALVES, Rubem. E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais. SP: Papirus, 1999. p. 91 a 96.

nossas opiniões e pensamentos sobre a mesma, se torna artifício básico de controle disciplinar do corpo e da população. A sexualidade é controlada por dispositivos saber-poder, que não são exercidos de forma única e estatal, mas de forma geral. O poder está em tudo até em nós mesmos, daí nos controlarmos para conter nossa sexualidade e dos outros.

Traçar concepções de sexualidade, diante dessa perspectiva de sociedade atual, não se trata de uma tarefa simples, não se trata de uma concepção cartesiana racionalista única e geral, mas de várias concepções e reflexões sobre o assunto, que vão além das perspectivas biológicas que, ainda nos tempos atuais, constituem-se como fundamento das informações exaustivamente fornecidas aos sujeitos.

² REIS, A *Sexualidade e os Escolares da Educação Fundamental: Entre a Vontade de Saber e o Cuidado de Si*. ANPED: 2000a.

I.1- A sexualidade e o princípio do prazer

(...) a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou. Em outra região, inteiramente diferente, é verdade, defrontamo-nos realmente com tal hipótese, mas é de tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse precisamente àquela condição cujo preenchimento desejamos, porque faz remontar a origem de um instinto a uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas.

Freud³

As concepções de sexualidade podem variar de acordo com a sociedade, a história, o grupo social e as diversas ciências humanas que se relacionam ao ramo que a estuda.

Freud (apud, NUNES)⁴, criador da psicanálise, vê a sexualidade como algo pertencente ao sujeito que tem desejos como impulso vital e busca incessantemente o prazer e a fuga da dor. A sociedade contém esses instintos sexuais:

O princípio do prazer, idílico e erótico, violento e agressivo, rude e selvagem, teria que ser controlado, frustrado e sublimado por práticas sociais edificantes, canalizadas para a manutenção da realidade administrada racional e produtivamente⁵.

Dentro desse processo de repressões e frustrações a educação tem papel fundamental e significa enquadrar, reprimir, coagir, sufocar. Desde o nascimento, a instituição familiar educa para controlar os sentimentos a partir da repressão, reprime os instintos para que só existam comportamentos adequados para a sociedade, repressão negada e criticada por Foucault. A figura do pai representa o medo, o castigo e a proteção da fragilidade, quanto maior esse sentimento de medo, maior será a eficiência do controle social. A figura desse pai também será representada na escola, na fábrica e na sociedade geral como

³ FREUD. apud REIS. Sexualidade nas Ciências Humanas tempos e lugares capítulo 1 da tese de doutoramento, mimeo, 2000.

⁴ NUNES. O estatuto epistemológico dos discursos contemporâneos sobre sexualidade: re-aproximações histórico-filosóficas necessárias e algumas considerações analíticas impertinentes. IN: Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação. Ano 16, n. 30 (julho-dezembro de 1998). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1983.

⁵ Ibidem. p. 18.

faixas n. ip. a. s.

mantenedora da produtividade do trabalho: satisfação econômica versus insatisfação erótica, como assinala Nunes⁶.

Freud considera que o amor genital, a prática sexual, é a maior forma de prazer e a sociedade tendo consciência disso trata de reprimir as práticas sexuais e faz apologia ao amor universalista que dá a sensação de que a pessoa não está na sociedade sozinha com suas frustrações, mas pertencendo a um todo.

Esse amor universalista tem na sociedade a institucionalização do permitido e do proibido, a manutenção de normas para a adequação à sociedade, ou seja, o amor genital tem como função exclusiva a reprodução e não a satisfação e o prazer.

W. Reich (apud, NUNES)⁷, discípulo de Freud, vai reafirmar que a sociedade controla os impulsos sexuais primários para a possibilidade de vida em sociedade, afirmando o que seria a reformulação do princípio de Rousseau *O homem nasce bom, a sociedade o corrompe* não obstante, reforce a dinâmica de sexualidade individual:

*O homem nasce sexualmente livre, voltado para o prazer natural, dotado de potencialidades orgásticas equilibradas, a educação familiar e social o corrompe, nega esse prazer natural, destrói seus desejos e desagrega sua capacidade erótica fundante.... Não são os instintos que devem ser reprimidos, é a natureza humana que deve ser resgatada.*⁸

Reich faz também uma crítica ao capitalismo: *O capitalismo consumiu grande parte da energia orgástica para a produção material e o acúmulo de bens*⁹ que faz o amor se transformar em consumo através dos fetiches. As descobertas do prazer com o próprio corpo (masturbação e jogos eróticos) são tolidas pela família, pelo medo, culpa e pela punição, e, assim, são formados indivíduos incapazes de iniciativas pela sua satisfação sexual, sendo sua sexualidade canalizada para a forma de manifestações violentas e fetichistas, bloqueando a capacidade de amar e de companheirismo. Esse processo capitalista/familiar *cria indivíduos submissos, mas com forte ânsia de dominação, sempre almejando controlar os supostamente mais fracos, os filhos, os subalternos, a mulher, como forma de compensação desta experiência alienadora fundante.*¹⁰

⁶ ibidem

⁷ ibidem

⁸ ibidem. p. 22.

⁹ Ibidem. p. 23.

¹⁰ Ibidem. p. 24.

Marcuse (apud, NUNES)¹¹ procura explicações históricas, e diz que os primeiros agrupamentos humanos gastavam muita energia para produzir sua sobrevivência, reduzindo, assim, as possibilidades eróticas de gratificação e prazer.

*Houve necessidade de canalizar institucionais simbólicos e meios de produzir e inculcar a renúncia a seus prazeres imediatos para a conquista do mundo do trabalho, suporte institucional e material da sociedade e única plataforma explicativa das redes de poderes.*¹²

Mas, apesar de com o tempo e o progresso das forças produtivas o homem não necessitar de dispensar tanto tempo com sua jornada de trabalho, ele continua, pois a burguesia conseguiu, historicamente, direcionar a produção material em seu proveito pela desumanização do proletariado, essa sociedade transforma as necessidades e instintos biológicos primários em necessidades e instintos humanos socialmente definidos. Deserotizar a maioria dos seres humanos para aliená-los a produzir o lucro para as camadas dominantes, controlar a potencialidade erótica para transformá-la em consumo e, ao mesmo tempo, reduzir o erotismo para uma sexualidade procriativa e fetichista. A 'liberação sexual' dá-se pela lógica do desempenho, da posse, do egocentrismo, da competição e desconfiança. Os encontros sexuais passam a ser objetuais, mecânicos, quantitativos, com pouca afetividade, recebendo o nome de ato sexual por não chegar a ser uma relação.

Marcuse (apud, NUNES)¹³ prega uma liberalização humanizadora como contraponto, uma sociedade que viesse a superar as matrizes alienantes da produção e que negasse a máquina cultural, ideológica e educacional que se construiu nesse processo histórico-social do capitalismo.

Essas concepções deixam presente a questão do prazer humano versus o controle da sociedade capitalista, que 'massacra' o prazer humano no proveito de se ter um ser humano próprio para produzir nessa sociedade o que ela quer, ou seja, os bens materiais.

¹¹ ibidem

¹² ibidem, p. 25.

¹³ ibidem

I.2 A sexualidade e a(s) cultura (s)

Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza. (...) A cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar. (...) Mais do que um conjunto de valores que devem ser preservados ou idéias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda extensão da vida social. Michel de Certeau¹⁴

A antropologia traz concepções sobre sexualidade partindo da análise da cultura e das sociedades, considera *o outro em sua alteridade e singularidade, condição de objetivação que permitiu aos antropólogos olharem para o sexo e a sexualidade como objeto de estudo.*¹⁵ A sexualidade se torna fundamento da construção social, obedecendo e fundando normas a partir dessa sociedade e resulta do que é proibido e permitido, caminhando entre o impulso biológico e a regulação social.

Malinowski (apud, REIS)¹⁶ distingue os *tabus gerais* que adjetivam certas sexualidades como impróprias e as *restrições sociológicas* que eliminam a indivíduos o acesso à vida sexual. A educação dos instintos é, para ele condição que permite a construção social, já que a organização humana tem base em atitudes estabelecidas pela educação e não pelo 'instinto' humano. A Educação é elaborada *na e pela* família para incutir no indivíduo os papéis sociais da cultura. Ela transforma as emoções em sentimentos organizados.

Esse autor questiona Freud por deixar de observar em seus trabalhos o meio sócio-cultural e observar somente a sociedade ocidental. O importante, ao se pesquisar a sexualidade humana, é considerar a aprendizagem e a conformação às normas culturais que existem sobre o sexo e a sexualidade.

Margareth Mead (apud, REIS)¹⁷ analisa a sexualidade no campo da cultura e do gênero, analisando sociedades diferentes da Nova Guiné em que as funções sociais e o comportamento de homens e mulheres eram diferentes: em uma delas homem e mulher tinham comportamento cooperativo e meigo e não faziam separação de atividades e orientação emocional por gênero, idade ou posição social acreditando na formação de um único tipo de ser humano. Em outra, ambos os sexos eram agressivos e também não faziam

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A cultura no Plural*. São Paulo: Papyrus, 1995.

¹⁵ REIS. *Sexualidade nas Ciências Humanas tempos e lugares*: capítulo 1 da tese de doutoramento, mimeo, 2000b.

¹⁶ ibidem

distinção de atividades e orientação sexual. E, por fim, na sociedade em que homens eram meigos e as mulheres agressivas; tudo na sociedade é diferenciado para cada sexo (vestimentas, divisão do trabalho, maneiras, atividades sociais e religiosas). Cada qual deveria conformar-se ao seu papel, acreditando que esse comportamento é natural de cada sexo: a mulher nasce com temperamento dominador e de iniciativa em todas as atividades, inclusive nas relações sexuais; e o homem tem inata delicadeza e afetividade. Essa análise permite concluirmos que as diferenciações de gênero são determinadas pela sociedade e que, talvez, não haja algo inato de ser mulher e inato de ser homem.

Marcel Mauss (apud, REIS)¹⁸ demonstra a importância do autoconhecimento do corpo e de seu uso, compreendendo a sexualidade sob a visão das práticas sexuais, tendo em vista que a cultura se estampa no corpo a partir da própria prática pelos hábitos. Ele divide as práticas em seis tipos de técnicas que se agrupam em três estágios: da criança, do adolescente e do adulto, técnicas estas, firmadas nas posições sexuais 'normais' e 'anormais', entre a reprodução e a moral.

Reprodução, moral, erotismo, gênero... são aspectos relacionados e discutidos por muitos dos antropólogos para entender as sociedades, suas sexualidades e suas normas sexuais. Estes estudos reforçam que as sociedades atuais precisam e se utilizam de normas e sanções para estabelecer uma sexualidade conjugal e não-conjugal, suas variações e ações, a fim de que os indivíduos se comportem da maneira esperada para cada sociedade. Por isso se faz necessário conhecer o posicionamento dos indivíduos frente a essas normas ao contexto da sociedade e da sexualidade dos grupos sociais.

Vance (apud, REIS)¹⁹ nega o impulso sexual como algo pertinente ao ser humano. O ser humano teria sim um desejo sexual construído pela cultura e pela história a partir do corpo, assim como a associação sexualidade-reprodução, que passou a se tornar menos expressiva com a chegada dos contraceptivos. Outros antropólogos construtivistas vêm analisar o impulso sexual, a importância do sexual na vida humana, a natureza reprodutivista, sob um olhar crítico. Como Rubin (apud, REIS)²⁰ pelo questionamento do fato de denominarem a reprodução e a sexualidade como fatores de diferenciação entre os gêneros.

¹⁷ ibidem

¹⁸ ibidem

¹⁹ ibidem

²⁰ ibidem

Françoise Héritier (apud, REIS)²¹ avigora a idéia de que sexo, gênero e reprodução devem ser inseparáveis no processo de análise da sexualidade, pois não são sistemas autônomos. Por exemplo, a questão do gênero perpassa pelo problema da dominação de um gênero sobre o outro que se baseia na relação sexualidade-reprodução, ou seja, na dicotomia biológico/social em que é justificada a dominação/superioridade. Essa diferenciação entre os sexos é algo pertinente e necessário à fundação de uma sociedade, sendo praticamente universal assim como a proibição do incesto, a repartição das atividades por sexo e a união sexual. Essa diferenciação é feita pela fecundidade, ou seja, o controle dos homens do que eles não controlavam ‘biologicamente’: a procriação.

Maurice Godelier (apud REIS)²² diz que não há uma só causa que justifique a dominação masculina em várias sociedades, mas uma hierarquia de causas que não são intencionais e passam por relações biológico-reprodutivas conferidas aos gêneros. *O que poderia ser mais evidente para fundar uma diferença social, do que encontrar este fundamento no corpo, na natureza, e no que concerne à dominação masculina.*²³ Porém para Godelier a subordinação não passa somente pela de um sexo pelo outro, contudo por um domínio da vida social a outras relações sociais.

Bourdieu (apud, REIS)²⁴ identifica as mitologias para a explicação da dominação masculina como valores atribuídos aos órgãos sexuais do homem e da mulher como seco/úmido, inflar/desinflar; que dão um suporte simbólico à visão falocêntrica²⁵ do mundo e oferecem à mulher a privação das propriedades masculinas e a denotação de características negativas. As características de diferenciação estariam no corpo, mais precisamente na parte da frente do corpo, pois a parte de trás seria igual, o que explicaria o homossexualismo.

Para Bordieu (apud, REIS)²⁶ dominação masculina é uma forma de dominação simbólica que forma o pensamento da sociedade e confere à Educação a incorporação dessa construção social na mente dos indivíduos.

Enfim, a antropologia buscou no seu trabalho analisar as dicotomias existentes sobre a sexualidade na sociedade, dicotomias que por si só demonstram uma gama de possibilidade de estudos, em que a crítica é necessária, visualizando os muitos aspectos da sexualidade como culturais e não inatos ao ser humano. E sugerem a educação como forma

²¹ ibidem

²² ibidem

²³ ibidem

²⁴ ibidem

²⁵ Visão que identifica o inchamento como dinâmica vital que corresponde ao processo de procriação natural.

²⁶ REIS. op cit, 2000b

de formar o pensamento cultural e inculcar as normas da sociedade nos indivíduos da mesma. Como diz Corrêa (apud, REIS)²⁷ não se aprende a ser homem ou mulher sem saber o que significa ser ambos os sexos. A aprendizagem tem grande importância na cultura, diria mesmo, importância fundamental, pois sem ela a cultura não se difundiria e, assim não haveria cultura.

O sexual passa por esse processo, e este não é algo pertinente somente à educação escolar, mas pela educação de toda uma vida, durante todos os espaços e lugares da sociedade. Porém não podemos deixar de perceber que o sexual não é um só, e nisso a antropologia contribuiu muito demonstrando que ele é múltiplo e plural.

²⁷ *ibidem*

I.3 A sexualidade e o dispositivo saber/poder

É necessário deixar claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Michel Foucault²⁸

A sexualidade e o dispositivo saber/poder é demonstrada nos livros de Michel Foucault, autor que será base para a discussão do tema sexualidade na escola e nos processos de subjetivação dos indivíduos/escolares que estão nela.

Um ponto importante nas teses de Michel Foucault é o questionamento da ‘repressão’ da sexualidade. Em contraponto à visão coercitiva, Foucault demonstra que a sociedade quer normatizar e controlar essa sexualidade, porém não a partir da repressão e sim a partir dos dispositivo saber/poder que controlam o conhecer para melhor controlar o poder. É a partir dessa ótica, que a sociedade incentiva o falar sobre a sexualidade para conhecer e controlar²⁹ - Foucault denomina a isso de vontade de saber.

Nessa perspectiva o autor de História da Sexualidade questiona se a aceitação de que a sociedade seria repressora não é o que faz com que nós a controlemos. Falar que o sexo não é reprimido iria de encontro a todos os interesses discursivos que sustentam a sociedade, interesses estes que diferem daqueles do conjunto da sociedade e que possibilita aos indivíduos se transformarem em “massas de manobra” dos “donos do poder”, questão que se constitui em um dos principais determinantes do assujeitamento na sociedade capitalista em que vivemos.³⁰

Foucault analisa como as tecnologias sociais se configuram ^{como} enquanto tecnologias de poder, principalmente em relação ao corpo - algo analisável e manipulável pelo poder. Sua arqueologia nos mostra que para esse poder ser exercido se constituem vários mecanismos como, por exemplo, o de punição e o olhar panóptico³¹. A esses mecanismos Foucault denomina de dispositivos de poder indicando que o poder não é central nem estatal, existem

²⁸ FOUCAULT. História da Sexualidade I- a vontade de saber, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1990, p.17.

²⁹ ibidem. Vigiar e Punir. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

³⁰ ibidem. op cit, 1990.

³¹ Uma vigilância que dispensa a presença de alguém para vigiar, o poder faz com que o indivíduo faça coisas sem sentir, que se auto-controle.

outros poderes e outros saberes. ‘Quem’ detém o saber exerce o poder sobre quem não sabe (o poder da fala por exemplo) e tem caráter normalizador sobre o indivíduo e a sociedade.

Para o pensador e autor de *Vigiar e Punir*, Michel Foucault, dispositivo pode ser concebido como

*um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo.*³²

O *dito* perpassa pelas práticas discursivas presentes na sociedade, os enunciados científicos e proposições filosóficas. O *não dito* representa as práticas não discursivas materializadas nas instituições, leis, técnicas... silenciosas, mas declaradas.

Segundo Henz, Foucault

*Assumi uma nova idéia, o regime da verdade, pelo qual as relações de poder que perpassam as instituições instaurariam a oposição entre verdade e norma, evidenciando a produção social da norma como poder de controle social e fundamento do saber.*³³

O poder está na sociedade, ele está em cada um de nós e também se materializa como resistência. *O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares.*³⁴ O poder sobre a sexualidade se manifesta em todos, pelo autocontrole e pelas punições que são impostas caso não sejam seguidas as normas da sociedade.

Como argumenta Reis³⁵ a vontade de saber sobre a sexualidade se torna peça fundamental de controle disciplinar do corpo e da população inscrita nessa vontade de saber aparece a escola, para cumprir o ritual do exercício de técnicas sociais que se configuram como tecnologias de poder, manipulando o corpo humano através de todo um aparato disciplinar e impondo-lhe docilidade e utilidade, liberar para controlar. *A coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é o exercício.*³⁶

³² Ibidem. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal 1992. p.244.

³³ HENZ, Alexandre de Oliveira. Michael Foucault: um Pensador das Redes de Poderes e das Lutas Sociais IN: *Revista Educação, Subjetividade & Poder*. V.3(jun/jul.1996) Porto Alegre: UFRGS/ Ed. Unijuí, 1996. p.: 10

³⁴ ibidem. 1990, p. 89

³⁵ Op cit, 2000a

³⁶ FOUCAULT. op cit, 1987, p. 126

Foucault³⁷ denomina esses métodos de controle, a partir do exercício para tornar os corpos dóceis e úteis, de 'disciplina'. A disciplina é exercida para se ter o corpo exercendo as tarefas que se quer, na rapidez, no modo e no lugar que se quer que as mesmas sejam feitas, minuciosamente. A escola se utiliza dessas minúcias para controlar os escolares, saber onde estão e o que fazem. A punição é exercida naqueles que não cumprem o requerido.

A sexualidade se torna um dispositivo muito concreto de poder, pois se inscreve em todas relações de poder existentes na sociedade. *Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade; utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias*³⁸, e dentro desse dispositivo impera a técnica da confissão, muito utilizada na Idade Média e abarcada pelas instituições/ciências atuais na sua busca por dar resposta para questões que até então não passavam de fatos do cotidiano. Esse saber científico se origina no poder e tem como fim este mesmo exercício de poder, denominando como válido o seu saber e excluindo os outros, cria padrões do que é certo e errado para deter o poder e, assim, se configura enquanto dispositivo de poder normalizador.

A vontade de saber ^{o que se} enquanto dispositivo de poder a partir do saber para controlar o corpo e os não ditos ~~enquanto~~ leis e técnicas silenciosas ^{se} apresentam como representantes de técnicas utilizados pelas políticas públicas governamentais que, com o intuito de ter sempre o povo controlado, prescreve o certo e errado ^{no mundo} através da educação e das suas leis.

Essas técnicas se inserem dentro da escola 'sorrteiramente' até predominarem e controlarem o pensamento de todo o corpo escolar e, principalmente, de alunos e professores que passam a agir de acordo com as regras pré-determinadas. Daí aparece o abismo entre o que os alunos querem saber e o que eles têm efetivamente contato na escola, as técnicas não deixam que as perguntas que eles querem saber venham a tona, pois por causa do medo da punição eles perguntam somente o permitido e esperado.

³⁷ ibidem

³⁸ FOUCAULT. op cit 1990. p.98.

II – As políticas governamentais de Educação Sexual

Eu deveria mandar três recados, mas vou ver se mando um só. Acho que era preciso que homens e mulheres que fazem política neste país começassem a compreender, de forma diferente, a expressão EDUCAR É MINHA PRIORIDADE. Não há prioridade que não se expresse em verbas. Não adianta o discurso da prioridade para no ano seguinte dizer: É prioridade, mas, lamentavelmente, não tenho dinheiro. É preciso que este país alcance o nível em que isso não possa mais ser dito, é preciso que os professores não aceitem que se diga isso.
Paulo Freire (apud REIS)³⁹

No nosso país as políticas educacionais parecem uma eterna brincadeira, se fala uma coisa e se faz outra porque *não há verbas*. As políticas que querem se impor são justamente as que impedem a reflexão na escola, por exemplo, os PCNs que querem prescrever situações educacionais e impor temas transversais que não são tão transversais assim.

A política neoliberal faz de tudo para desqualificar a educação pública voltada para a qualidade social, estimulando um mercado consumidor de educação direcionada apenas para o trabalho produtivo. Ora, para isso nada mais adequado que *provões* para demonstrar o baixo nível das escolas públicas.

As críticas atuais de muitas associações, principalmente a ANFOPE⁴⁰, são de que os professores também têm sido formados para que não critiquem as políticas governamentais: para eles uma formação de nível superior, mas sem pesquisa e maiores reflexões, um ensino *normal* mascarado com um título de nível superior:

A proposta de formação de professores nos ISEs⁴¹ interfere diretamente na cidadania das classes subalternas, referendando, mais uma vez a idéia de que o ensino superior nas universidades, especialmente nas públicas, não é para todos; que a educação básica conduzida por docentes bem formados é privilegio das elites. Que para trabalhar com classes menos favorecidas não são necessários professores envolvidos em pesquisas sociais, críticos da sociedade, construtores de seu próprio conhecimento e capazes de oferecer estímulos aos seus alunos para que construam, também eles, os seus conhecimentos. Bastam meros repassadores de conteúdos! É a mesma lógica que cria sistema separados para a

³⁹ REIS, Maria Amelia G. de S. Educação Sexual nos PCNs: o feitiço e os feiticeiros. ANPED: 1998. (Paulo Freire em palestra na UERJ 1997).

⁴⁰ Associação Nacional pela Formação dos Profissionais em Educação

⁴¹ Institutos Superiores de Educação

*formação profissional e acadêmica. (...) A concepção de educação de qualidade social não admite tal dualidade.*⁴²

Professores que não são pesquisadores, autores e leitores, e que não produzem saber, servem apenas para aplicar o que seus “superiores” mandam e o que os PCNs prescrevem e não para refletir e tentar transformar a educação em uma prática mais igualitária, intercultural⁴³ e transversal⁴⁴.

Políticas educacionais que tendem o controle realmente são exercidas, mas as políticas que possibilitam crítica, reflexão, construção de conhecimento e democracia são as vetadas, as negadas por “falta de verba”.

É necessário, de acordo com Tardif⁴⁵, que os professores tenham valorizado o seu saber, principalmente o saber da experiência que se mostra tão importante nas narrativas dos próprios professores. Isso tem que ser feito a partir da pesquisa sobre essa experiência, reflexão sobre a prática para que possamos unir “especialistas”⁴⁶ e professores em uma só busca: o melhoramento da escola e a transformação desta em um *lócus* de verdadeira democracia e igualdade.

A situação escolar atual é um reflexo da sociedade do conhecimento e de seus conflitos culturais, políticos e econômicos. Uma sociedade que dá mais valor aos saberes hierarquizados (tecnológicos) e, praticamente, despreza os saberes populares, muitas vezes sem nem os identificar como saberes.

Essa valorização ou não dos saberes se representam como tecnologias de domínio (de acordo com as obras de Foucault) para a manutenção das desigualdades: poder e riqueza para uns, submissão e pobreza para outros.

A pesquisa docente, quando existe e consegue burlar tudo o que se espera dela, é diminuída frente às pesquisas acadêmicas, na mesma relação acima apresentada de valorização de uns saberes e desvalorização de outros para manter o poder, pois os professores não podem ensinar os alunos a pensar, ambos têm que se deixar ser dominados e

⁴² OTRANTO, Célia Regina. *A Universidade Rural e a discussão sobre os Institutos Superiores de Educação*. IN: *Pedagogo ou Professor*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999. p. 76.

⁴³ Integrando as culturas e não simplesmente tendo como pressuposto a diversidade de culturas, como na perspectiva multicultural.

⁴⁴ Sem hierarquia de saberes, nem de pessoas, a educação se dá em rede.

⁴⁵ TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. LAHAYE, Louise. *Os professores face ao saber – Esboço de uma problemática do saber docente*. IN: *Revista Teoria e Educação* 4, Rio de Janeiro, 1991.

⁴⁶ Os ditos especialistas são os orientadores, administradores, supervisores, psicólogos, psicopedagogos, enfim, toda uma gama de profissionais que interferem na escola, que tem a autorização para pesquisar e falar sobre sua especialidade e que, na maioria das vezes, têm um status mais elevado que o próprio professor.

isso fica mais fácil se eles simplesmente acatarem as determinações sociais: a escola é o único espaço/tempo criado e legitimado para a aprendizagem⁴⁷ e nela os alunos devem aprender a se comportar antes de tudo, a disciplina como finalidade da escola.

A disciplinarização da sociedade surge com o método científico e o recorte de um objeto definido. Percebe-se a realidade como multifacetada, ela aparece na sociedade como estratégias políticas para submeter o corpo a um regime severo e enquadrá-lo para a industrialização e atualmente para as tecnologias. Ela afeta a escola e a sociedade em todos os seus aspectos, pois constitui regimes de verdade, valida e potencializa conhecimentos como exercícios de poder.

Atualmente essa disciplinarização é questionada, alguns indicam uma educação interdisciplinar ou transdisciplinar, porém, apesar dessas propostas serem inovadoras e tentarem romper com as disciplinas, elas continuam a se basear no sistema disciplinar, fazendo uma integração das disciplinas e manter um currículo disciplinar significa manter sua política de dominação.

Uma proposta que vem modificar essa estrutura da escola é a proposta da transversalidade, não como ela se mascara nos “Temas Transversais” dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas de acordo com o que Silvio Gallo⁴⁸ demonstra em seus textos. A transversalidade se apresenta com o currículo e as relações escolares em rede, aonde o conhecimento se mostra formado por múltiplos fios e nós de interconexões (de acordo com a metáfora do rizoma apresentada por Deleuze e Guatarri), sem hierarquia, com mais liberdade e infinitas possibilidades de transitar neles.

A partir dessa proposta a Pedagogia deveria deixar de lado as pretensões científicas e o processo educativo partiria de múltiplos referenciais sem vislumbrar o resultado, uma educação sem regras e nem garantias de sua realização, mas sempre com a participação do aprendiz, do professor e das relações aliadas à vida. Os campos de saberes seriam abertos e sem fronteiras, apesar de terem horizontes.

A escola e os professores devem desmistificar erros e acertos, pois o erro pode mostrar sabedoria, lógica. Transmutar a educação para que escute as camadas mais desprezadas.

⁴⁷ ALVES, Nilda. Espaço e tempo de ensinar e aprender. IN: Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. 10^o. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁴⁸ GALLO, Silvio. Disciplinaridade e transversalidade. IN: Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. 10^o. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

O saber docente, assim como o saber discente, nessa perspectiva, deve ser valorizado. Devemos buscar alicerce do ensino-aprendizagem não no mando e nas obediências, mas na transformação do mundo, no acolhimento das diversidades e em invenções.

Para a busca de uma valorização se faz necessário o conhecimento histórico. A própria educação sexual não se dá alheia ao tempo e à cultura, mas sempre atrelada ao contexto da sociedade. A partir da história da educação sexual podemos perceber toda uma estrutura de técnicas para controlar politicamente e socialmente e, talvez, a partir do entendimento dessa história tentar burlar o controle, pois nele está também a resistência. Por isso a presença de um breve histórico da Educação Sexual nesta parte desse estudo monográfico.

Como técnica de políticas públicas esse item vem analisar uma técnica específica de controle governamental que vem sendo atualmente introduzida nos contextos escolares, ditando o que é para ser ensinado e, principalmente, o que é para ser dito e sobressaltado no campo da Educação Sexual.

II.1 Breve Histórico da Educação Sexual

A educação sexual, portanto, não constitui nenhuma novidade nos tempos atuais, ela se instala nas instituições a partir da consolidação do modo de produção capitalista, podendo ser encarada como verdadeira economia do sexo e do prazer.
Reis⁴⁹

A Educação Sexual, o sexo e a sexualidade foram entregues aos médicos e às ciências não por acaso, mas por serem parte *de modelos lógicos de conhecimento e social disciplinar instaurados desde o século XVIII*⁵⁰. Com o credo liberal surgem as teorias sobre o comportamento humano que dão primazia ao intelecto, desprezando as demais dimensões do conhecimento humano, principalmente as emoções, os sentimentos e o prazer, denominando essas dimensões como pertinentes ao ócio, à negação ou ausência de trabalho.

A sexualidade sempre aparece atrelada na sua origem à repressão, à interdição, firmada desde o momento da passagem do sexo natural para o sexo cultural, simbolizado e sujeitável.

Porém com a consolidação da sociedade capitalista, com a busca do mercado e de lucros, surge um novo modo de pensar. A força de trabalho aparece desprovida de capital e sujeita a trabalhar para viver e ocasionando a obtenção do lucro pelo detentor do capital. A visão de mundo individualista subjacente ao liberalismo clássico ascende, então, junto com esse capitalismo.

O Estado passa a ter que assumir funções que respaldem e estimulem as atividades lucrativas, protegendo a propriedade privada, e apresentando argumentos de proteção ao trabalhador. O ser humano passa a ter direitos próprios, não naturais, direito à independência, à autonomia e à liberdade, numa perspectiva individual.⁵¹

Nessa perspectiva capitalista surgem novas teorias sobre o comportamento humano, atreladas à necessidade de uma *nova ética que se implanta e o credo liberal é sustentado por teorias que afirmam que as motivações humanas são egoístas e se originam no desejo de obter prazer e eliminar a dor.*⁵²

⁴⁹ REIS. (Re)Invenção da Escola Pública : A Sexualidade e a Formação Continuada dos Jovens Professores. Projeto de pesquisa apresentado à UNI-RIO, Mimeo, 1999. p. 8

⁵⁰ Ibidem, p. 7

⁵¹ REIS. A sexualidade, o ensino de ciências e saúde nas escola pública pela busca do exercício da cidadania. Dissertação de mestrado, UFF, 1992

⁵² REIS. op cit, 1999, p. 8

Essas teorias oferecem primazia ao intelecto, desprezando-se as demais dimensões do conhecimento humano, principalmente, aquelas existentes no relacionamento entre os homens: as emoções, sentimentos e prazer, estas dimensões como pertencentes ao ócio, à falta de trabalho. Trabalho como antítese do prazer, um referencial do surgimento da dicotomia trabalho/prazer constitutivas desses novos tempos.

Inicia-se, então, verdadeira economia dos prazeres. Fecham-se os prazeres na família conjugal burguesa, no sentido da privatização e economia dos bens e recursos. Desenvolve-se toda uma educação dos prazeres sexuais na primazia do silêncio e nas restrições. Dominam-se os corpos e o sexo, expressões primária, final e integral de todos os prazeres. Separam-se adultos e crianças. Polarizam-se estrategicamente o quadro de capital. Segregam-se relativamente as atividades de meninos e meninas.⁵³

Regras são estabelecidas para tudo que estivesse relacionado a sexualidade dos jovens: cuidado de bebês, crianças e adolescente; masturbações e gravidez precoce. Porém essas preocupações surgem primeiro no seio da sociedade burguesa que

vai procurar redefinir a especificidade da sua sexualidade em face dos outros (...) o que fará a diferença será a interdição. (...) a teoria da repressão, que pouco a pouco vai recobrir todo o dispositivo de sexualidade, dando-lhe o sentido de uma interdição generalizada, tem aí seu ponto de origem.⁵⁴

A sociedade se mostra sob a dicotomia trabalho/prazer e, assim, na família burguesa tem-se instalada uma rede de sexualidades fragmentadas e móveis, garantida pela vigilância, exortações, medos, presenças e segredos, molda-se o homem. *Mostra-se mais o sexo, enquanto muito se exorta escondê-lo⁵⁵.*

Através da ciência e seus conceitos, as formas de sexualidade não-conjugal, não-heterossexual e não-monogâmica são negadas como impuras. Deve-se praticar a educação sexual científica voltada às manobras sociais no interesse do capital.

Nesse período Malthus (apud REIS)⁵⁶ surge com uma teoria que serve de marco para uma educação do controle social da população, justificativa para a elaboração de políticas públicas de educação e saúde controlistas escondidas sob a fórmula de planejamento

⁵³ *ibidem*. p. 8.

⁵⁴ FOUCAULT. Op cit, 1990. p. 120

⁵⁵ REIS. op cit, 1999. p. 7

⁵⁶ REIS. op cit, 1992

familiar. Os pobres são responsabilizados pelo seu fracasso por sua proliferação e indolência, culpando-os por sua fome e miséria, retirando a responsabilidade das políticas.

O sexo se torna o ponto ideal aonde o poder se organiza, escondendo-se e redimensionando-se a cada movimento de resistência, mostrando-se nas captações dos corpos, na materialidade de suas forças, de suas energias, de suas sensações e prazeres, pois como *locus* de pulsão de singularidade e pluralidade, deve ser refreado e controlado, para manter o poder da classe hegemônica.

A educação sexual consolida-se cientificamente com o capitalismo e aparece delimitando o proibido e permitido, dentro de regras ligadas ao poder, preferencialmente encadeada em torno de uma rede discursiva que articula poderes e saberes. As estratégias se formam situando o sexo entre os conceitos da sexualidade e as ciências biológicas de reprodução, para controlar e “desmontar” aquilo que nascia.

O sexo é tido como instrumento para reconhecimento das “classes superiores” que se destacam, tem saúde, pureza, higiene etc. Mas, aos poucos, a sexualidade assim constituída é estendida aos trabalhadores por políticas ligadas à saúde do corpo e do sexo por necessidades de natureza econômica e pelo custo social que o não-atendimento acarretaria.

Foucault ao desconstruir a idéia de que as representações sobre a sexualidade são fixas, demonstrando que cada época, cada cultura e até mesmo cada subcultura produz dispositivos específicos no que diz respeito ao exercício das práticas sexuais, às formas institucionais de controle destas práticas e à própria organização social da sexualidade, entende-a como conjunto de efeitos produzidos nos comportamentos, nos corpos, nas relações sexuais, por mecanismos e técnicas complexas. Nestas últimas se inscrevem os processos educativos e, a partir daí, pode-se supor que a educação sexual escolar traz como pressuposto a construção de uma consciência acrítica, que se por um lado prepara uns poucos para o mando, por outro, adestram-se muitos para obedecer(apud REIS)⁵⁷.

A partir do século XIX:

O poder sobre o sexo em seu movimento cede lugar da ênfase à repressão sexual como forma de exortação e intensificação dos resultados.(...) A educação para o sexo se realiza através de múltiplos mecanismos de sexualização, que penetram nas classes em três etapas sucessivas: em torno da natalidade, da família

⁵⁷ REIS. op cit, 1999. p. 8

*canônica e do controle judiciário e médico das perversões em nome da proteção social e radical.*⁵⁸

Através de tudo que o sexo revela e esconde, o pilar liberal mostra-se profundamente sólido (mesmo que transmutado para uma perspectiva neo-liberal) fundamentado no fortalecimento de privilégios da classe hegemônica e no apagamento das diferenças.

O Brasil se insere nesse contexto capitalista como um país de Terceiro Mundo⁵⁹ que precisa ser controlado para um melhor aproveitamento internacional das suas finanças (fruto de exportações e explorações), para que esse controle seja mais eficiente é necessário controlar a natalidade e a mortalidade das classes mais desfavorecidas, para que estas possam se transformar em mão-de-obra barata e, assim, possam consumir algo. Para que isso seja possível, organizações internacionais⁶⁰ agem para que a educação sexual, os hábitos sexuais sejam transformados.

*Deste modo, podemos perceber a intervenção do Estado nas ações educativas relativas à sexualidade. Intervenção histórica que no viés dos desdobramentos freqüentes impostos por meio de estratégias diversas colocadas por tais organismos internacionais visam apenas, os interesses exclusivos de controle da massa popular do Terceiro Mundo e a sujeição a suas classes dominantes específicas com a finalidade de acelerar a acumulação do capital internacional e sua reprodução com a maior segurança possível.*⁶¹

A Pedagogia higienista, baseada nesse propósito, vem valorizar os aspectos biológicos e os hábitos saudáveis, começando a inculcar costumes nas crianças mais jovens consideradas como assexuadas, hábitos de higiene em que a prática ou não destes seria da responsabilidade deles, assim como das condições de moradia, sem fazer nenhuma reflexão social desses problemas. Após essa valorização da higiene nas crianças, os adolescentes deveriam receber informações sobre reprodução de plantas, animais e humanos, definindo a sexualidade como reduzida a esses aspectos e, novamente, sem relacioná-la com prazer, mas ao consumo como critério para satisfação das necessidades básicas.

⁵⁸ REIS. op cit, 1992. p. 265

⁵⁹ Assim como todos os outros países que se encontram nessa situação.

⁶⁰ Reis (op cit 1992) cita como exemplo a UNESCO, SIDA e IPPF.

⁶¹ REIS. op cit, 1992. p. 268

A Educação Sexual se baseia na concepção que as massas populares devem ser controladas, e que o controle social e político deve ser exercido para conter toda ordem de doenças, moralidades e desordens onde se inclui o aumento indiscriminado da população, leia-se mais pobre, este fato considerado de forma invertida, como elemento fundamental das desigualdades sociais.⁶²

A higiene e a saúde no Brasil surgem como discurso para solução dos grandes problemas da pobreza, mas representa verdadeiramente o controle dos corpos e das condições de vida da população pobre para manutenção do “status quo”. Primeiro se apresentando na organização do espaço urbano depois por investir no controle dos hábitos e costumes.

A Eugenia representava também os preconceitos, queria impedir a reprodução dos “indesejáveis” e “inaptos”, favorecendo a reprodução dos mais “aptos”. Como exemplo, uma das justificativas procurada pelos eugenistas para o atraso da sociedade brasileira é sua composição étnica complexa e múltipla, defendendo soluções racistas⁶³ em nome da ciência. Assim, a eugenia trazia fortes componentes de anti-semitismo, almejando combater os desvios sociais representados por discriminações aos homossexuais, aos delinquentes, aos doentes mentais e alcoólatras.

Para implementar os objetivos da higiene e do Eugenismo criaram-se nas escolas 07
Belotões de Saúde

(...) para implementar hábitos físicos saudáveis, hábitos mentais de alegria, de pureza e solidariedade humana, além da exasperação puritana requerida, através de várias estratégias, entre elas, a utilização de cânticos patrióticos e “slogans” contendo as regras necessárias ao enquadramento sanitário e político das classes subalternadas. Deste modo, em nome da saúde da raça e da pátria a educação higiênica pressupõe a construção de um modelo de sociedade onde não pudesse ocorrer a possibilidade de desvios sociais ou mesmo questionamentos da ordem moral e social impostas.⁶⁴

A partir daí a biomedicina se volta para esse estudo de maneira mais ampla, sempre articulado à ideologia dominante, por isso reduzindo as mulheres ao seu corpo patologizado, ao mesmo tempo em que reforça a idéia de que a infância é assexuada, inocente e não-erotizada.⁶⁵

⁶² ibidem. p. 269

⁶³ Como a esterilização dos negros e pobres.

⁶⁴ Ibidem, p. 270

⁶⁵ REIS. op cit, 1999.

Atualmente com o surgimento da AIDS e a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, ressurgem preocupações em torno da sexualidade e dos comportamentos sexuais, transformando-se estas em questão de *Saúde Pública*, surgindo a constatação da insuficiência (ou quase inexistência) de pesquisas na área.

Muitas estratégias higienistas, nesse contexto, continuam a ser implementadas, como a doação desenfreada, e sem uma análise maior, de contraceptivos pelos postos de saúde, a laqueadura de trompas efetuada em mulheres com dois ou mais filhos etc..

A educação (assim como a maioria das ciências humanas e sociais) tem se mostrado quase que indiferente ao tema, reforçando os aspectos biológicos e/ou negando esse estudo no contexto educacional. Como exemplo disso, a falta de estudo desse tema nas universidades e nos cursos de formação de professores. A sexualidade, na educação, é confundida com sexo e amparada (quando estudada) na sexologia⁶⁶.

Mesmo com alguns trabalhos feitos no âmbito da história, da antropologia, que permeiam as discussões sobre multiculturalismo, a escola permaneceu-se intacta nos seus pré-conceitos.

Na década de 70, um enfoque vem auxiliar na análise da ação e criatividade humanas em relação à sexualidade: o construtivismo. Os trabalhos em torno desse enfoque se dão numa contribuição da antropologia, da sociologia e outras áreas. Esta abordagem sugere que a sexualidade é mediada por fatores históricos e sociais.

*Na pedagogia, embora, se viva em tempos de construtivismo e interacionismo, o núcleo da sexualidade continua sendo a reprodução, centralizada na discussão do sexo e na genitália, afirmando-se como fundamento a universalidade e o biologicamente determinado, como consequência do silêncio que se faz em torno do tema.*⁶⁷

As escolas, porém, como espaços culturais marcados por relações complexas de dominação e resistência, ao invés de se abrirem ao construtivismo continuam mantendo o discurso oficial que despolitiza a noção de cultura e descarta a resistência. *Dominação, poder e conhecimento são silenciados passando a servir de mediadores das circunstâncias de classe, de cultura e de gênero na reprodução aproximada das relações capitalistas*⁶⁸.

⁶⁶ Novamente uma categoria médica.

⁶⁷ REIS. op cit, 1999. p. 6

⁶⁸ ibidem. p. 7

Muitas vezes a escola vem fazer um discurso de que está transformada, é construtivista, mas na verdade as relações escolares não conseguem ir para além do controle e da manutenção do poder.

A escola sempre manteve a sexualidade distanciada de tudo que é social, ou seja, pela dominação, pelo poder e pelo conhecimento, ela silencia as relações de classe, de cultura e de gênero, ambas não têm na escola nenhuma relação com a sexualidade e não podem ser discutidas porque isso ameaçaria o seu controle. A escola mantém a ideologia liberal para que se controle a sexualidade e ação dos indivíduos, impondo regras que estão aliadas ao fortalecimento das classe hegemônicas.

Esse breve histórico poderia ser terminado com uma nova perspectiva, mas no contexto atual do “neo-liberalismo” isso não é possível: a educação continua com os mesmo pressupostos. Antes de ser pessimista, percebemos algumas poucas iniciativas de tratar a educação como algo transformador e que vá além da manutenção do poder dominante. Essas iniciativas muitas vezes são pressionadas e sufocadas pela sociedade, mas mesmo assim demonstram resistência à esse modelo. Fica aqui a esperança de que, ao invés de serem sufocadas, novas iniciativas surjam e a educação seja realmente algo que possibilite a reflexão. Nessa educação a sexualidade pode aparecer não como permitido ou proibido, mas como algo a ser pensado e subjetivado.

II.2 A Educação Sexual e os PCNs: O Controle e a Disciplinaçã

Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; Na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.

Mateus⁶⁹:

A sociedade dispõe de diversos mecanismos e instrumentos de controle, esses mecanismos se tornam uma base a seguir. Um exemplo disso é a Bíblia e outros livros prescritivos que, ditando normas de conduta, conseguem se tornar ‘guias’ e ‘donos da verdade’ valendo-se do discurso da necessidade de se agir conforme as normas para a aceitabilidade da sociedade ou de ‘Deus’.

Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais – são produzidos pelo MEC com a intenção de controlar e ditar normas para a educação e, assim, para a sociedade. E não somente normas para as disciplinas que sempre se apresentaram na escola, mas regras sobre ‘Temas Transversais’ que *devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola*⁷⁰. Temas Transversais, segundo os PCNs, são assuntos considerados importantes a serem refletidos na escola para que, assim, se possa construir *cidadania* de igualdades no país, são eles: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual.

Maranhão⁷¹ questiona se a sigla PCN não significaria “*Processo ‘Civilizatório’ Nacional*” tendo em vista que os PCNs se denominam base para a educação, mesmo que o discurso que paira sobre ele seja o da *não necessidade/obrigatoriedade* de segui-lo: *Essa tarefa (garantir a todos a efetivação do direito de ser cidadãos) demanda a afirmação de um conjunto de princípios democráticos para reger a vida social e política*⁷², os princípios de que se fala estão explicitados no decorrer dos PCNs e demonstram que querem realmente ‘reger a vida social e política’ a partir da educação, a busca pela cidadania para todos se torna motivo para controlar os próprios indivíduos da sociedade. Assim como demonstra Uberti⁷³:

Os ‘Temas Transversais’ pretendem a mobilização dos conteúdos em torno dos diversos aspectos que compõem o exercício da cidadania, fazendo desta a

⁶⁹ NOVO TESTAMENTO, Mateus, 26-41.

⁷⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997a. (Volume 8). p. 5

⁷¹ MARANHÃO, Helena Ponce. *A diversidade e seus sentidos nos parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª séries do ensino fundamental): questões prévias*. ANPED: 2000. p. 1

⁷² BRASIL. op cit, 1997a. p. 5

⁷³ UBERTI, Luciane. *A sujeição moral do infantil-cidadão no currículo nacional*. ANPED: 2000. p.1

matéria moral do infantil a ser trabalhada pelas mais diversas técnicas de governo dos indivíduos. Esse discurso consiste em definições do modo como as relações sociais deveriam ser constituídas para o propósito cidadão, efetivando assim, uma determinada forma de regulação moral.

Uberti⁷⁴ também demonstra como os PCNs pretendem fazer a sujeição dos escolares a partir do assujeitamento aos outros pela regulação e dependência e a si mesmo pela constância à sua identidade de 'cidadão'. Portanto os PCNs tentam explicar e entender os sujeitos e suas subjetividades a partir da lógica das teorias psicológicas que tentam, a todo momento, estabelecer sistemas de verdades sobre as subjetividades destes mesmos sujeitos.

Que cidadão/sujeito é esse que nem mesmo é detentor de suas verdades; que precisa que lhe digam o que ele pensa e deve pensar; que tem suas ações controladas por um fim maior que é a cidadania e que tem suas dúvidas e dificuldades simplificadas em *Temas Transversais*?

Os PCNs com esse discurso acabam por escamotear toda uma rede de desvalorização do aluno enquanto sujeito e do professor enquanto educador 'livre' para ser criativo e auto-suficiente. Escondem a depredação do ensino público culpando os educadores e alunos pelo fracasso dessa mesma educação de que são excluídos de pensar as políticas educacionais, afinal estes, segundo o documento, têm 'co-responsabilidade' pela vida social⁷⁵.

Os alunos e professores são chamados a terem atitudes democráticas *de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito*⁷⁶, mas ao mesmo tempo estão em um *lócus* totalmente contraditório: os formuladores das políticas educacionais não respeitam a democracia; frente a um ambiente de competitividade e injustiças, aonde o que vale é o 'cada um por si', ambiente este, marcado pela não punição aos injustos e aonde o 'outro' é sempre desrespeitado a começar pela negação da participação dos principais envolvidos na educação nas próprias discussões sobre educação.⁷⁷

As regras dentro da escola são vistas, nos PCNs, como necessárias:

"A colocação das regras de funcionamento e das normas de conduta, de forma clara e explícita, é necessária ao convívio social na escola. Por outro lado, o

⁷⁴ ibidem

⁷⁵ BRASIL. op cit. p. 8

⁷⁶ BRASIL. op cit. p. 8

⁷⁷ REIS. op cit, 1998.

*esclarecimento de sua função é essencial para que os alunos percebam o significado de segui-las e não as tomem como questão de mera obediência aos adultos. Entretanto, é preciso considerar que essa compreensão não acontece espontaneamente e que, portanto, deve ser objeto de ensino organizado e sistemático.*⁷⁸

E se as regras são necessárias na escola quem deve ditá-las? Os próprios parâmetros que, apesar de não dizerem isso, definem várias regras para a convivência e a própria aula na escola.

Como lembra Reis⁷⁹:

Embora a tônica dos discursos se remeta à uma dada qualidade de ensino, aparentemente voltada para o aluno real, os universalismos estão presentes naquilo que se espera do aluno ideal e, mais uma vez, os conteúdos se subordinam aos métodos, e estes, aos comportamentos desejados. Facilitações aos avaliadores dos SAEBs? Ou, controle necessário e inexplicável do trabalho dos professores – executores, apenas, de propostas e medidas consagradas pelos interesses dominantes que lhes servem de suporte?

Essas regras existem para que os professores aplicadores de propostas controlem seus alunos, para que estes se tornem alunos ideais (como se isso fosse possível), e, ao mesmo tempo, sejam controlados pelas próprias regras que lhe são impostas e pelas avaliações que são feitas sobre a escola.

Mas, afinal, como fica a Educação Sexual nesses Parâmetros?

Na verdade a Educação Sexual neste termo não existe, ela é chamada de Orientação Sexual como se esse termo fosse dar conta de todos o tabus e preconceitos que existem na escola e na sociedade sobre a sexualidade. Os PCNs nos fazem uma distinção do termo Educação para Orientação, e o termo Educação não seria adequado para tratar do sexual, como demonstra no parágrafo seguinte:

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a

⁷⁸ BRASIL. op cit. p. 34

⁷⁹ REIS. op cit 1998. p. 6

*discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros.*⁸⁰

Porque a Educação dada pelos pais pode ser chamada de Educação e não orientação? Um professor não estaria apto a ensinar sobre sexualidade?

A explicação dos sexólogos para a utilização desses termos é de que seria mais adequado pela não sistematização e formalidade da questão sexual na escola⁸¹, mas diante dessa explicação pergunto: Educação pode ser definida como algo apenas formal e sistemático ou se refere a aprendizagem em geral? Se fosse assim, de acordo com o que menciona Reis⁸², o termo Educação Ambiental não teria que ser também Orientação Ambiental?

Segundo Reis a utilização desse termo só teria sentido se o sexual fosse um desvio a ser ‘colocado nos trilhos’, algo a necessitar de orientação, pois o saber dominante precisa controlar os outros saberes e tornar somente o seu saber legítimo.

Os PCNs dizem que a ‘orientação sexual’ *visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa* e que os alunos devem reconhecer quais as *manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola*. Os PCNs demonstram então *três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS*.⁸³

A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças. Deve também combater a discriminação que atinge portadores do HIV e doentes de AIDS de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens.

A partir dessas citações pode-se concluir que os PCNs têm mesmo o objetivo de controlar e um dos objetos de seu controle, um dos mais importantes, é o corpo, assim como

⁸⁰ BRASIL. op cit. p. 15.

⁸¹ REIS. op cit. p. 13.

⁸² ibidem.

⁸³ BRASIL. op cit. p. 15.

demonstra Foucault⁸⁴ que as técnicas essenciais disciplinares se generalizaram facilmente como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro, técnicas estas, minuciosas que definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo para, assim, controlar a sociedade.

O corpo é controlado, esse controle é realçado nos PCNs com as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis). O papel do professor, como é designado acima, é de interventor que deve mostrar o certo e o errado para que os alunos saibam o que é permitido de fazer na sociedade e o que é proibido, e não só dentro da escola como define os PCNs em um dos trechos acima citados. Onde está o professor que ensina?

A possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa da maneira explicitada nos PCNs é uma utopia, pois o aluno está, antes, submetido ao significado e expressão do que é responsabilidade, que lhe é negada pelo professor no momento em que o mesmo em sala de aula expõe a imaturidade do aluno. O prazer fica sempre ligado à responsabilidade, mas uma responsabilidade que o aluno não tem ao fazer algo que lhe é proibido: o sexo. Se ele não tem responsabilidade onde fica o prazer? Prazer este tão negado pela sociedade não só aos adolescentes, mas para todos.

A parte dos PCNs exclusivamente dedicada à Orientação Sexual⁸⁵ começa justificando a introdução do tema nas escolas pelo grande número de adolescentes com gravidez indesejada e com AIDS e, também, pela reivindicação dos pais⁸⁶ para que haja a mesma Orientação na escola, tendo em vista a dificuldade em se falar desse tema. Essa justificativa se torna necessária para controlar uma sociedade em que falar sobre sexo é ao mesmo tempo 'tabu' e 'incitada' pela mídia e pelo governo para melhor dominar seus 'cidadãos'.

Observamos no texto dos PCNs a pregação da necessidade de se falar na escola sobre sexualidade, pois não é só a família a responsável por ela e porque esta mesma sexualidade invade a escola não sendo possível a escola deixar a sexualidade dos alunos do lado de fora. Nos PCNs é demonstrada a necessidade de não só falar do corpo biológico, mas *as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo*⁸⁷. Mas lembremos que seus eixos fundamentais são: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças

⁸⁴ FOUCAULT. *op cit*, 1987.

⁸⁵ BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b. (Volume 10)

⁸⁶ Baseada em pesquisa do Instituto DataFolha, realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em junho de 1993, que constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares. IN: BRASIL, *op cit* 1997b. p. 5

⁸⁷ BRASIL, *op cit* 1997b. p. 5.

Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Aonde estão as dimensões culturais, afetivas e sociais dentro desses objetivos? O único item que parece abarcar mais as questões sociais, relações de gênero, dará conta dessas dimensões de que ele demonstra necessidade?

Analisando os PCNs percebemos que sua intenção não é a de educar para os aspectos culturais, afetivos e sociais da sexualidade do escolar, mas, como ele mesmo diz *o trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes*, orientar para que eles tenham essa saúde definida como a falta de doenças e/ou gravidez, pois a ‘saúde’ mental não é valorizada. As dimensões culturais, afetivas e sociais, acabam por se transformar em ‘balelas’, apenas para recheiar um documento que quer controlar seus adolescentes e professores para que estes sigam as regras lhes ensinadas.

A sexualidade é exaltada como independente da potencialidade reprodutiva e relacionada à busca de prazer necessário ao ser humano, mas ao mesmo tempo não se vê nos PCNs uma demonstração da importância do prazer e sim das precauções com relação ao sexo. A sexualidade é *algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte (...) encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito*⁸⁸, mas sendo algo inerente, histórico, cultural e científico, porque os valores exaltados são os físicos, as doenças e a reprodução?

Contradições estão presentes em toda parte: o uso do termo Orientação e a própria ação na escola se deveriam à informalidade e não-sistematização, mas na citação seguinte percebemos que *constitui-se num processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação*⁸⁹. Lendo os PCNs mais atentamente, o que não faz parte do objetivo maior dessa pesquisa, encontraremos muitas mais contradições, o que demonstra que os PCNs, embora camuflem um discurso cheio de ‘boas propostas’, na verdade os PCNs e o tema Orientação Sexual:

Se inscrevem no rol de medidas que consideramos paliativas e insignificantes, frente ao discurso de recuperação da qualidade do ensino para as massas de brasileiros excluídos, colocado pelos administradores da educação brasileira. Fica evidenciado a contradição quase irreconciliável entre os interesses dominantes e os interesses da grande massa de excluídos que continuam a não

⁸⁸ BRASIL. op cit, 1997a..p. 8

⁸⁹ ibidem, p. 8.

ver contemplados seus interesses dentre os conteúdos e premissas propostos, nem mesmo as condições para que possam vir a avaliar e reavaliar suas próprias condições de vida e trabalho, já que os pressupostos teórico-metodológicos colocados se inscrevem no interior de uma dada visão teórica psicologizante, onde os conflitos e contradições sequer existem. (...) Nestas medidas, uma vez mais, a omissão e a subtração em nome do progresso de uns poucos. Não ficam garantidos nem o reconhecimento da existência dos conflitos, nem o desocultamento ideológico, contido no conhecimento escolar, questão que passa pela desmistificação de saberes universais e generalizadores.⁹⁰

Enfim, precisamos não de um documento que traga regras e normas que escondam as verdadeiras necessidades, mas de toda uma política de valorização da educação e do magistério em que os professores, assim, possam ser instrumentalizados teórica e metodologicamente para tratar de todos os temas com seus alunos e não de uma maneira rotineira, transmissiva... Mas de modo que impere o diálogo e o aprendizado para ambos os lados: professor e aluno.

⁹⁰ REIS. op cit, 1998. p. 14

III – Os escolares e seus questionamentos: o abismo que separa o que se diz na escola e o que se quer saber – os ditos e os não-ditos

Antigamente as galinhas viviam soltas com os galos, liberdade essa que fazia lugar a cenas de deslavada sem-vergonhice: elas as galinhas, agachadas, os galos se equilibrando nas suas costas, segurando-as com o bico pela crista, enquanto suas partes pudendas se beijavam de forma rápida e trêmula. Cena ridícula, espetáculo imoral. Era impossível que as crianças não vissem. Mas, se viam, era necessário que não entendessem. Meu pai, ao me explicar que o acontecimento era punição que o galo, marido zeloso, infligia à sua esposa relapsa, estava, assim, agindo motivado pelo pudor e na defesa dos bons costumes. Não imaginava ele que tal explicação motivaria minha cruzada feminista de apedrejamento de galos, sempre que fossem pilhados na dita posição. Rubem Alves⁹¹

A sexualidade vista como tabu ganha muitas *explicações/mentiras* na sociedade para que as crianças não percebam as *impurezas* que existem sobre o sexo antes do tempo. Explicações como, por exemplo, as de que os bebês viriam de cegonhas. A escola também reproduz essas explicações por achar que não é o tempo certo das crianças saberem sobre algo sobre sexo.

Nesse percurso de explicações as crianças acabam por ficar mais curiosas, pois as explicações não dão conta da sua curiosidade por terem falhas, falhas que podem até causar reações contrárias das esperadas pela escola e pela sociedade, como aconteceu no caso descrito acima por Rubem Alves.

Neste capítulo haverá uma descrição e análise das atividades observadas nas escolas, os questionamentos dos alunos e seus cadernos de pergunta. A partir dessa descrição você leitor poderá conhecer o contexto dessas escolas e dos núcleos de adolescentes.

Todas as escolas são pertencentes à rede pública municipal e coordenadas pela mesma CRE (Coordenadoria Regional de Educação), atendem à crianças de classe *baixa*, na maioria moradoras de favelas ou bairros carentes. *crianças de famílias economicamente*

Os professores que coordenam os núcleos de adolescentes participaram de um curso preparatório para que pudessem exercer essa função, porém não são formados na mesma área.

Os núcleos de adolescentes atendem a crianças voluntárias de 5^a. a 8^a. série em horários distintos, tratando de temas relacionados com sexualidade e drogas. Porém mesmo

⁹¹ ALVES, Rubem. Op cit. p. 103 e 104.

tratando de temas tão em voga na atualidade, fazem isso com o objetivo de controlar os adolescentes nesses aspectos prioritários: sexo e drogas.

Ao terem esse objetivo caem na possibilidade de esquecerem e negarem, assim como a sociedade nega, outros aspectos que são importantes para os próprios adolescentes, como, por exemplo, o conhecimento do outro e da sua própria sexualidade (que possibilita o prazer e a satisfação).

Mostra-se no decorrer desse capítulo a distancia dos *ditos* expressados pelos professores e os *não-ditos* buscados pelos próprios alunos no caminho que percorrem para encontrar a 'verdade' e o conhecimento da sexualidade.

III.1 Escola A: A ciência e a informação acima de tudo

O coordenador do núcleo de adolescentes dessa escola é formado em ciências naturais - biologia, ministra aulas de ciências e trabalha também como professor universitário. Os alunos são, em sua maioria, alunos de 5^a. e 6^a. série, com idade entre 13 e 15 anos.

É fato relevante em nossa análise, a insistência com que o professor afirma e reafirma que a temática em relação ao núcleo de adolescentes é:

- Porque as **meninas** estão ficando grávidas, fazendo sexo cedo?
- Porque os **meninos** estão se voltando para as drogas?

Porque é feita essa distinção? Porque a droga é proibida para os meninos e já para as meninas (consideradas como aquelas que não se voltam para as drogas) o que é proibido é o sexo? Por que tal distinção em relação ao gênero?

Isso nos faz refletir o seguinte: o sexo é permitido para os meninos, que por pertencerem ao sexo dominante, não precisam ser controlados na sua atividade sexual (ou simplesmente são eles menos controlados nesse aspecto do que as meninas), para eles arrumou-se um outro objeto de controle, no caso as drogas. Já as meninas, trazendo em seus corpos a marca da possível gravidez precisam ser controladas socialmente. É neste âmbito das relações de poder que a sociedade passa a determinar comportamentos em relação à sexualidade e a educação sexual estabelece controles para a prevenção da gravidez e das “doenças” provocadas pelo sexo, aqui, um dos não ditos, pois não estando explicitamente colocada em qualquer lei envolve toda uma relação de poder-saber por trás.

O poder disciplinador se apresenta na atividade mais realizada pelo professor: a síntese de um texto em um caderno que **tem que ser só do núcleo**, onde se estabelece uma data para entrega. Os textos utilizados são de livros didáticos que falam de corpo humano, por sinal livros bem tradicionais⁹², alguns de jornais e revistas de adolescentes. Segundo o professor: *O aluno leva o resumo para fazer em casa, traz, e na próxima aula discutimos para saber o que ele concluiu, não com as idéias do autor, mas com as dele. Ao olhar o caderno com os resumos ele comenta: ele está 'organizadinho', outros 'com as palavras do aluno'. Elogia alguns alunos pela 'letra caprichosa', ou por estar trabalhando; e critica outros: 'não vamos fazer rabisquinho' 'vamos levar à sério', 'você está trabalhando menos que ela'.*

Essas observações nos demonstram um interesse maior na forma, na organização, do que no conteúdo ou assimilação, ou seja, um interesse menor no que o aluno realmente

adquiriu para si. Percebe-se que o professor quer que o aluno simplesmente decore, e nisso o resumo auxilia muito. A reflexão não se faz importante, pois a informação já está produzida pela ciência e nada pode modificá-la ou questioná-la.

O fato do aluno ter um caderno só do núcleo, bem organizado, com letra bonita... demonstra que o professor quer cada coisa em seu lugar, ele classifica e divide tudo para que os alunos também saibam seu lugar, o exercício do poder se dá através dessa técnica classificatória. É possível observar nas ações e falas do professor o que Foucault ressalta ao indicar a sexualidade como dispositivo do poder-saber, na medida que ele coloca a sexualidade no seu devido lugar, no campo biológico reprodutivo, retirando-a da dimensão do prazer.

O professor deixaria o pensamento e a atividade mais livre para os alunos se, por exemplo, ao invés de dar primeiro o texto para eles resumirem, fizesse um debate inicial para refletir a partir da própria opinião dos alunos.

As perguntas feitas para os alunos sobre os textos se prendem ao específico-conceitual de biologia, com raríssimas exceções, são questões que envolvem, por exemplo, *O que é epidídimo? Qual a diferença do canal uretral masculino para o feminino?*. Novamente percebemos a definição de um lugar para a sexualidade, os alunos devem se referir, ao se falar de sexualidade, à biologia e procurar respostas nela.

O professor faz separação das atividades por gênero, como exemplo disso percebemos a fala a seguir: *Vamos ver hoje sobre o sexo masculino. Feminino não, só masculino.* O método científico e a enciclopedização⁹³ se reforçam nessa divisão, aonde as disciplinas e os conhecimentos não se cruzam, devem ser *transmitidos* separadamente. Porque essa fragmentação? Talvez porque lugares devam ser mantidos junto com o status quo que confere a primazia ao masculino.

A preocupação com a forma e o enquadramento de que fala Foucault, aparecem em todas as aulas exemplificadas por um cabeçalho com as atividades a serem feitas no decorrer da semana e na aula, escrever no quadro *para não ficar só de boca porque depois eles esquecem*, e pela utilização do uniforme, importante para diferenciar e destacar quem é do grupo.

Todas as aulas são iniciadas por um controle de frequência, a 'chamadinha' aonde ele questiona as muitas faltas dos alunos e elimina do núcleo aqueles que faltaram muito,

⁹² Por exemplo: BARROS, C. PAULINO, W.R. O corpo Humano. S.P.: Ed Ática, 1998. 59ª. edição.

⁹³ GALLO. *op cit.*

apesar das possibilidades de exclusão muitos alunos faltam. Certo dia uma aluna chega à escola com camisa do núcleo e não entra no mesmo, sobre este caso o professor comenta que vai falar com a mãe dela, porque é obrigação dele já que a mãe deu autorização para vir ao núcleo ela tem que saber o que a filha está fazendo. Assim o professor quer sempre manter o controle do seu núcleo: ninguém pode fugir dele, se fugir terá sua penalidade: vigiar para punir se necessário.

Ora, porque será que os alunos faltam tanto? O professor coloca a culpa da frequência na situação de vida dos alunos, que não podem ir porque têm tarefas ou porque está tendo algum “problema social” (morros em briga), então há alunos que leram mais textos e, por isso, estão mais embasados que outros (será que é só o texto que embasa alguém?), mas será que é só isso? Será que as atividades do núcleo são realmente interessantes para eles ou será que elas repetem as aulas que têm? Essas perguntas ficaram sem respostas, mas possibilitam uma reflexão para percebermos mais o que os alunos realmente querem saber.

A chamada, o cabeçalho e o uniforme se fazem necessários, pois *a colocação em séries das atividades sucessivas permite todo um investimento da duração pelo poder*.⁹⁴ possibilitando o controle detalhado, a caracterização e a distribuição dos indivíduos de acordo com o nível das séries, com acúmulo do tempo e da atividade, o que se totaliza num resultado ótimo na manutenção do ‘status quo’. *O poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização*⁹⁵, questão sempre reforçada na ênfase conferida a forma observada nessas aulas.

O professor comenta que precisa que os alunos falem do que aprendem no núcleo com outros alunos para eles não ficarem desinformados, fazerem sexo cedo e acontecer a gravidez, ele fala também que *qualquer coisa vocês devem procurar e falar com os pais, porque eles querem seu bem*. Os pais, médicos e professores são os controladores do saber, exercem o poder, mesmo que escamoteado:

Os pedagogos e os médicos combateram, realmente, o onanismo das crianças como uma epidemia a ser extinta. De fato, ao longo dessa campanha secular, que mobilizou o mundo adulto em torno do sexo das crianças, tratou-se de apoiá-la nesses prazeres tênues, de constituir-los em segredos (...); em todo canto onde houvesse o risco de se manifestarem, foram instalados dispositivos de vigilância, estabelecidas armadilhas para forçar confissões, impostos discursivos inesgotáveis e corretivos; foram alertados os pais e os educadores, sendo entre eles semeada a suspeita de que todas as crianças eram culpadas e o medo de que

⁹⁴ FOUCAULT. op cit, 1987. p. 145

⁹⁵ ibidem

eles próprios viriam a ser considerados culpados caso não desconfiassem suficientemente: tiveram de permanecer vigilantes diante desse perigo recorrente, foi prescrita a sua conduta e recodificada a pedagogia; e implantadas sobre o espaço familiar as bases de todo um regime médico-sexual.⁹⁶

Ele faz uma relação do núcleo com a sala de aula falando que *Quem está indo bem no núcleo está melhorando na aula de ciências, está mais dedicado*. Percebemos com essa observação que o núcleo ajuda no trabalho escolar, pois a ele se assemelha em sua forma cotidiana, porém a “educação sexual” que tem sido feita nas escolas nas aulas de ciência, que praticamente se iguala a esse núcleo, não tem conseguido dar conta dos questionamentos dos alunos, claro que elas representam um avanço para eles na medida em que conseguiram um local aonde, mesmo que não seja da maneira com que eles queriam, eles podem falar e pensar sobre sexo.

O professor questiona também algumas vezes as relações de gênero e as relações sexuais, como no episódio a seguir:

Professor - *Qual era o papel da mulher antigamente?*

Aluna A - *Lavar, passar e cozinhar.*

Professor - *Só que eu quero saber não só ligado às tarefas domésticas, mas também qual seria seu papel social?*

- Ninguém responde - *Só para atender aos desejos dos homens. E como é agora?*

Aluna B - *Ela quer se satisfazer também*

Professor - *Hoje a mulher reivindica o que quer e se revolta contra muitas coisas, como por exemplo, o estupro.*

Um aluno fala “estupro” e ele corrige dizendo que está errado.

Professor - *Qual outro jeito de forçar o sexo?*

Alunos - *Assédio sexual; a chantagem.*

Professor - *Quando a mulher está pronta para o sexo?*

Aluno - *Quando ela está madura.*

Professor - *E quando a mulher está madura? – alunos não respondem - Tem um monte de menina grávida sem estar madura. Como que se sabe que uma mulher quer ter relação sexual?*

Aluno - *Quando está excitada.*

Professor - *Quando a mulher e o homem estão excitados?*

Alunos - *Quando o pênis está ereto e a vagina umedecida.*

Professor - *Isso, mas quando for ter sexo, quando for uma decisão fundamentada, tem que usar camisinha, porque senão o que acontece?*

Aluno - *Pode-se pegar AIDS e outras doenças e gravidez.*

O Professor explica sobre doenças e sobre curas.

⁹⁶ FOUCAULT. op cit, 1990. p.42

Nesse episódio percebemos que o professor quer sempre exigir dos alunos as respostas que ele espera, as informações científicas, como na explicação da excitação pelo *pênis estar ereto e a vagina umedecida*. Dessa forma assuntos que poderiam render um debate rico, em que os alunos realmente aprenderiam e questionariam a situação das relações entre gênero, estupro e até mesmo refletir sobre a hora de ter relações sexuais, passam a ter um papel só de responder o que o professor exige e relacionar tudo que tem a ver com sexo, com doenças e gravidez. O prazer é negado, o sexo só se envolve com impurezas e incertezas, gravidez e doenças, que devem ser prevenidas, somente o conhecimento *intelectual* é valorizado. O sexo só é visto de acordo com a visão econômica e cultural de que necessita ser controlado, a multiplicidade e pluralidade sexual não é sequer trabalhada.

O professor também parte para interpretações moralísticas:

Professor - *É certo ou errado sair beijando e ficando com todo mundo?*

Aluna - *Depende da garota e do garoto.*

Professor - *O que diferencia estar certo para um e estar errado para um outro?*

Aluno - *Está errado porque uma é mais assanhada que a outra que só namora.*

Aluna - *Está errado para a moral dela, pois se ela beija um monte, ela pode depois transar com um monte.*

Professor pergunta para as garotas - *Qual é a atitude do menino depois de beijar aquele beijo escandaloso?*

Aluna - *É passar a mão no corpo da garota.*

Professor pergunta para os garotos - *O que as garotas fazem quando eles tentam passar a mão?*

Aluno - *Pedem para parar.*

Professor - *Vocês acham que elas têm que pedir para parar?*

Todos garotos dizem que não.

Aluna - *Também depende também do lugar que eles passam a mão.*

Professor - *Aonde que não pode?*

Aluna - *No peito, na bunda e ... (não fala nada, mas insinua que seria o órgão sexual)*

Professor - *Porque uma garota diz que pode e outra diz que não?*

Aluna - *Depende da intimidade, se tiver intimidade vai ter outras intimidades também.*

Professor - *Então se o garoto ou a garota fazem tudo logo cedo, o que sobra pra depois? (deixa no ar).*

Pergunta como é que se chama quando a pessoa transa com todo mundo? Alunos - *Prostituição.*

Professor - *Não é isso, é promiscuidade, para a próxima aula eu quero que tragam sinônimos.*

A moral sacerdotal-cristã que inverte tudo que é humano como sujo, mau, e coloca o sexo como tentação, pecado, de acordo com o que diz Nietzsche⁹⁷, se faz presente

⁹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

nesses questionamentos morais que pregam a não-entrega ao sexo, a monogamia, o sexo depois do casamento, pois o que sobra pra *depois* se o sexo for feito *antes*? Questiono então o que fazem todos os casais após um tempo de casamento, já que estes já fizeram tudo?

O princípio do casamento é a descendência, útil para a cidade (sociedade)⁹⁸, então buscar no casamento prioritariamente o prazer seria infringir a lei, infringir esse princípio, o sexo deve ter como fim, na nossa sociedade, a procriação.⁹⁹

Esse episódio demonstra também o medo da intimidade como indicadora do pecado, pois se tiver uma intimidade vai querer outras também, intimidade esta que gera uma promiscuidade, que os alunos têm que procurar sinônimos para saber mais sobre isso e se preocuparem com a sua *moral*. Foucault nos diz que essa intimidade foi jogada fora junto com o conceito de amizade que passam a representar o pecado, a nova moral liberal vem apresentar novos conceitos.

Com estes questionamentos não estão sendo negados a monogamia nem o sexo depois do casamento, mas a falta de questionamentos maiores sobre o tema, sobre uma moral que é imposta e que nega a dimensão do prazer.

As respostas do professor sempre são baseadas na biologia como, por exemplo, quando o aluno perguntou *porque o pênis fica ereto quando assiste à cena de sexo?* ele respondeu que *ele se excita porque para o cérebro não precisa só estar namorando, pode ser só vendo, que o cérebro manda mais sangue para os corpos cavernosos e o pênis fica ereto. Pode ser só dormindo e sonhando com aspectos sexuais e acorda com ele ereto. As meninas e os meninos não precisam estar acompanhados para ficarem excitados.* Será que esse tipo de resposta atende às expectativas das perguntas dos alunos?

A decisão de ter relações sexuais é sempre questionada pelo professor que diz que *os pais não podem impedir que o filho tenha relação sexual, pois quem decide isso é a própria pessoa, mas tem que ter responsabilidade (camisinha), tem que ter mais informações (estudar mais).* O professor afirma que ele não gosta de apenas dizer o que é errado, mas ajudar na vida dos alunos, dizer o que fazer, ou seja, não diz que está errado, mas prescreve o que deve ser feito. Ao falar que os pais não podem impedir os filhos ele parece demonstrar uma postura mais liberal, mas não é o que representa, ele diz que os pais não podem impedir, mas coloca um sentimento de que os próprios alunos é que devem se impedir, para deixar o sexo para quando tiverem estudado e quando tiverem responsabilidade.

⁹⁸ A cidade dos gregos que se remete ao conceito de cidadania.

O professor fala, antes de dar a hora de começar o encontro do núcleo, que às vezes se incomoda com a excessiva cobrança, impossibilitando o cumprimento do seu projeto que tem como objetivo *colocar os adolescentes em um projeto de vida, longe das drogas e do sexo precoce que pode prejudicá-los*. Afinal os alunos precisam de *informação* para ficar longe das DSTs, gravidez e drogas. Mas diz que apesar disso fica satisfeito em saber que está dando uma orientação para alguns adolescentes, está servindo de *tábua de sustentação*. Essa afirmação representaria o compromisso docente ou abnegação e doação para a profissão? Ou representa também que ele é o único detentor do saber frente a esses alunos e que por isso precisa passá-lo?

Outra tarefa bastante utilizada para as passeatas do núcleo e encontros é a de fazer cartazes ‘livres’: DSTs, Drogas, Saúde, etc. O professor entrega cartolina e fala que o melhor cartaz ganha uma caixa de bom-bom, o cartaz *com mais capricho, feito com canetinha, com os dizeres bons*. A forma novamente é valorizada, com a entrega de prêmio ao melhor, a competição é assim estimulada.

Os alunos demonstram ir para o núcleo não só pelas atividades do núcleo, mas como fuga de casa (onde às vezes são maltratados ou têm muita tarefa a fazer) e como maneira de encontrar os amigos, pois não há permissão para isso. Questão que fica muito evidente nas falas deles quando o professor sai da sala para fazer alguma coisa como tirar xerox ou pegar cartazes, ou mesmo nas ações em sala quando ficam conversando baixinho, embora fique evidente a necessidade que possuem de poder livremente falar e defender suas idéias sobre o sexo.

Percebe-se que o professor considera seus alunos como não tendo relação/conhecimentos sobre o sexo, não percebe que muitas coisas ditas por ele como verdades são mais do que conhecidas pelos alunos e também acha que os alunos não devem saber sobre certos assuntos que, na verdade os alunos já sabiam. Um fato que comprova isso foi quando o professor trouxe uma revista que apresentava questões relacionadas ao sexo e trazia uma matéria sobre sexo oral. O professor xerocopiou uma das matérias, mas não deixou que a revista circulasse entre os alunos por causa do assunto sexo oral, pois como ele mesmo disse *não queria chamar a atenção para coisas que eles não sabiam*, entretanto, ao analisar o caderno de perguntas havia exatamente o seguinte questionamento: “você faria sexo oral”.

⁹⁹ FOUCAULT, Michel. *A mulher/Os rapazes: História da sexualidade* (extraído da História da Sexualidade v. 3) Michel Foucault; tradução de Maria Theresa da C. Albuquerque – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

A idéia de pedir cadernos de perguntas para os alunos interessou ao professor que falou que iria fazer um caderno de pergunta com o grupo, mas sem as “sacanagens” que eles perguntam, um caderno mais “cientificado”. Novamente a ciência entra em cena como mais importante que as próprias opiniões dos alunos, o caderno tornaria-se apenas um *teste* para saber se eles sabiam sobre os aspectos científicos do sexo, mais uma forma de controle do saber.

Apesar de tudo, os alunos aproveitam o tempo em que o professor não está (as pequenas saídas deste da sala) para se relacionar com os outros. Como, por exemplo, a ocasião em que dois garotos olham pela janela e assobiam para uma garota da escola que passava pelo pátio.

O caderno de pergunta analisado dessa escola demonstra que os alunos sabem muito mais do que o professor pensa que eles sabem e através deles fogem da moral estabelecida. Questão que percebemos nas perguntas *o que você gosta mais de seu amado?* E em respostas como *sua canalhice*.

Outro item analisado é a quantidade de pessoas que alguns alunos “ficaram”. Por exemplo, uma garota que ia fazer 13 anos tinha ficado com 57 garotos, note-se que o conceito prevalente de ficar é “ficar por ficar”, por isso a quantidade pouco representa no sentido de estabilidade ou promiscuidade. A concepção de sexo depois do casamento está ultrapassada; a fato da utilização da camisinha, para alguns, nem sempre necessária; a fidelidade para eles é vista como algo que não é exercido nem por eles, nem por seus namorados/ficados (pois já foram chifrados); a virgindade é banalizada, pois ou já foi perdida, ou pode ser perdida com alguém que se goste. O sexo oral é admitido se realizado com a pessoa amada. Existem na idéia desses adolescentes fantasias sexuais como, por exemplo, de fazer sexo na praia, na rua, numa ilha deserta, em qualquer lugar.

Nos cadernos de perguntas eles tentam conhecer mais o outro:

- de quem gosta?
- qual o estilo de música preferido?
- os lugares que gosta de freqüentar?
- o que mais gosta e menos gosta em si e na pessoa amada?
- a marca que gosta de usar e a que não gosta?
- de quem gostou de ficar e de quem não gostou de ficar?
- se tem inimiga ou rival em relação ao amor?
- quem a pessoa acha atraente?

- qual é sua melhor amiga ou melhor amigo?
- se já se declararam para a pessoa que gosta e se ela já se declarou?
- se já sofreu por alguém?
- o que a pessoa odeia?
- se a pessoa é mercenária?
- se a pessoa é desejada por quem ela gosta?
- se tem apelidos com seu amor?
- qual é a melhor coisa que Deus lhe deu?
- o que gostaria de ganhar?

Enfim os alunos querem saber o que a sexualidade representa em si, o que as relações entre o sexo significam e o que o ato sexual proporciona, querem saber muito mais do que o fato de quando se está excitado *a vagina umedece e o pênis fica ereto*, as dúvidas vão além disso e fazem nos refletir sobre se a situação escolar vem atendendo a essas dúvidas.

III.2 Escola B: Valorização das interações entre os grupos

O professor dessa escola é formado em letras e acumula as funções de responsável pela sala de leitura, professor de português na rede Estadual do Rio de Janeiro e coordenador do núcleo. Já os alunos são, com exceções, alunos de uma turma de 5^a. série que freqüentam o núcleo no horário da sua aula por terem esse tempo vago, existindo alguns que vêm de outras turmas do outro turno, mas são muito pouco. A maioria dos alunos têm de 11 a 15 anos.

As atividades promovidas pelo professor são baseadas, em sua maioria, em dinâmicas e explicação, pelos alunos, de certos termos e conceitos.

Em uma atividade o professor pede para que os alunos enumerem os fatos marcantes na vida deles: os bons (que passam por presentes, notas boas, amizades, conhecer parentes e namoro) e os ruins (acidentes, mortes, não conhecer parentes, a mãe ler bilhetinhos de namorados, briga de namorados). Percebemos que os fatos marcantes para os alunos se envolvem entre família, amizade e namoro, às vezes contrapondo uns aos outros como no fato da garota não gostar que a mãe leia os bilhetinhos do namorado. Alega invasão de sua privacidade e que a mãe assim a desrespeita, pois ao mesmo tempo em que a controla, quer ver se ela está fazendo algo *incorreto*.

Na dinâmica do espelho¹⁰⁰, proposta pelo professor, aconteceu o seguinte:

Alguns alunos lutaram, alguns ficaram sem fazer nada, porém o que chamou a atenção foi o fato de um aluno ter imitado o gesto de coçar o saco (ou masturbação) e a menina (seu par) não imitou. O professor perguntou depois da dinâmica o que acharam difícil de fazer e outros alunos responderam que a garota não fez o gesto do garoto.

O professor perguntou a ela porque ela não fez? Ela ficou com vergonha para responder e as outras meninas responderam que ela não fez porque 'não tinha'. O professor disse que ela era do gênero feminino e o garoto do masculino.

Outra menina questionou e falou que ele não era do masculino e sim do "mais ou menos". O garoto levantou e bateu nela; ela levantou e retrucou. O professor interfere parando por aí.

O professor explicou que mesmo tendo outro órgão sexual ela poderia imitar. Porém a briga ocasionou um debate sobre a violência na escola em que os alunos disseram o que achavam disso. Alguns alunos falam das surras que levam em casa de irmãos, pais, e uma aluna diz que o pai quebrou a cabeça e o braço dela.

O professor pede, então, para que os alunos digam "o que espera do núcleo?"

- Que diminua a violência da escola, que a escola não fique igual "galinha preta de macumba".

¹⁰⁰ Os alunos ficam um de frente para o outro e um tem que repetir o que o outro faz.

- Que os alunos se interessassem por alguma coisa: ler, esporte... para não ter tempo para brigar ou para violência.
- Mais atividades.
- Mais amizade, mais companhia, mais esporte.

O professor disse que o núcleo teria várias atividades: dinâmicas, filmes, mas não exatamente esportes; e que os alunos deveriam ter disciplina. E pergunta se sexo ou sexualidade é um assunto interessante? Os alunos respondem que é um assunto que interessa muito. O professor, então, diz que irão falar muito sobre isso.

Percebemos nesse dia que os alunos estão envolvidos com muita violência (em casa, na escola) e que de certa forma dizem não gostar dela, mas agem violentamente para se defender, principalmente de uma acusação de não ser homem, pois a homossexualidade não é aceitável pela sociedade.

O professor em ala subsequente estimula a elaboração pelo grupo de um contrato de trabalho que normatize as ações dos alunos. E fica estabelecido que tem que:

- Começar e terminar no horário certo
- Todos têm direito à palavra
- Cada um só fala o que quiser
- Banheiro, só com muita necessidade
- Respeitar as idéias do outro

Por esse contrato percebemos que, mesmo o núcleo sendo uma atividade extra, a disciplina, de acordo com Foucault¹⁰¹, é importante e exigida para que o grupo possa se encontrar sem maiores problemas. Quando há algum problema (implicância, falatório) o professor fala para alunos irem para salas ao lado para “pensar na vida”.

A gravidez, o casamento, a religião e o aborto são discutidos e polemizados na atividade proposta pelo professor de dividir a turma em dois grupos para fazerem peças sobre gravidez na adolescência, com o seguinte dilema: *A adolescente ficou grávida, pois não usaram camisinha, ela estava no período fértil. O que fazer?*

Cada grupo foi para uma sala e depois apresentaram um para o outro:

No **primeiro grupo** a garota vai ao médico para saber se está grávida e o resultado dá positivo. O namorado termina o namoro por causa disso. O garoto vai perguntar para a médica se a garota poderia fazer um

¹⁰¹ Op cit: 1987.

aborto, e ela fala que aborto em adolescente pode causar até a morte. A mãe da garota descobre, fala que o pai não poderia saber senão ia querer o aborto e fala com o namorado que ele tem que assumir. O pai dela descobre e pressiona o garoto a assumir e casar. Após algum tempo o garoto vai falar com ele que vai se casar.

Na apresentação da dinâmica do **segundo grupo** vemos um grupo de alunas numa aula de educação sexual. Uma menina questiona que em geral as mulheres levam bronca ao perderem a virgindade, enquanto os meninos não, são tidos como gostosões. Uma das garotas diz que está grávida e fala ao garoto, este não acredita, dizendo que ela saiu com o bairro todo. Ela denuncia o fato para a mãe dela e estaque fala aos pais dele. Todos falam que ele tem que assumir, porque ela não pode abortar, pois a religião não permite. A garota não quer ir grávida para a escola e os pais dos dois decidem que o garoto vai assumir e casar, mesmo não querendo. Os dois se casam se beijam e sete anos depois apresentam a filha, vivem felizes para sempre.

O Professor pergunta porque o grupo decidiu que não haveria aborto?

Alunos falaram que:

- Aborto é crime
- Porque está se matando uma pessoa, um ser vivo.
- A religião (católica) não permite.

O que chamou atenção foi o fato dos dois grupos decidirem pelo casamento dos adolescentes, mesmo estes não querendo, são obrigados pelos pais, pois a religião é contra o aborto e favorável ao casamento, além disso é fato jurídico, pois é crime – sanção legal. Em contraponto, os adolescentes vivem *felizes para sempre* casados com uma pessoa que não queriam, sem questionar se esse viver feliz acontece realmente ou, se isso, pode causar a imensa quantidade de casais que se separam ou vivem infelizes. A falta dessa indagação se atrela ao esperado pela sociedade que impõe a quem engravida o casamento a qualquer custo, os alunos reproduziram, assim, mais uma vez o que a sociedade exige desde os tempos clássicos que começaram a pregar que casar é uma coisa da natureza humana, pois há necessidade dos machos e fêmeas se unirem para procriarem, prolongar essa união para dar a educação aos filhos, e se ajudarem mutuamente tornando essa união cômoda e prazerosa (com serviços e obrigações), sendo essa família a base para a sociedade.¹⁰²

O aborto não poderia acontecer, pois é contra tudo que a sociedade, a religião e a família exigem. Outra questão que aparece forte é a questão de gênero que se destaca no fato da menina sempre querer se casar e o homem não. A menina desvirginada é vista como imoral na sociedade, principalmente ao apresentar uma prova disso (gravidez), por esse motivo ela

tem que se agarrar a um marido para fugir da discriminação. Apesar dessa situação estar sendo questionada atualmente, os alunos ainda demonstram que na verdade ela ainda está muito presente, escondida nos discursos de que a virgindade não é mais um tabu. Assim como demonstra Foucault sobre o surgimento dessa Erótica atual na época clássica:

Começa assim a desenvolver-se uma Erótica diferente daquela que teve seu ponto de partida no amor pelos rapazes, mesmo se, tanto numa como na outra, a abstenção dos prazeres sexuais desempenha um papel importante: ela se organiza em torno da relação simétrica e recíproca entre o homem e uma mulher, em torno do alto valor atribuído à virgindade e da união total em que vem a completar-se.¹⁰³

Com algumas dinâmicas apreciadas citadas abaixo, percebemos que o professor e os alunos também valorizam a informação biológica (até mesmo pela curiosidade), sendo que os questionamentos feitos pelos alunos não são exatamente os que estão nos livros didáticos de ciências, elas vão além, as curiosidades não são limitadas. Apesar do professor querer ensinar as informações ditas como necessárias, os alunos querem saber um pouco além destas. A vontade de saber demonstra que tudo é fruto de indagações, tanto o biológico quanto a dimensão do prazer e do encontro.

Atividade 1:

O professor ao partir da dinâmica de jogar a bola um para o outro, demonstra que o homem e a mulher têm que dividir as responsabilidades de uma gravidez e devem ter responsabilidade para transar, pois transar sem camisinha traz riscos como a gravidez e as DSTs (doenças sexualmente transmissíveis). Os alunos a partir disso perguntam várias coisas sobre gravidez (perguntas biológicas) como “Quanto tempo dura?” “Porque algumas mulheres não podem ter filhos?” “Se o neném pode sair quando a mãe faz xixi?”

Atividade 2:

O professor distribui revistas “enciclopédia da sexualidade” às duplas para folhearem. Pede que escolham um tema e depois contem sobre o que se trata para os outros colegas. Ele disse que na revista tem pessoas nuas, mas que não tem nada a ver, ela não é pornográfica e sim educativa. Os temas escolhidos foram:

- ciclo menstrual
- masturbação infantil
- homossexualismo infantil - brincadeiras

¹⁰² FOUCAULT. Op cit, 1997.

¹⁰³ ibidem. p. 131.

- mecanismo sexual -atração sexual, sexo e filho
- atração sexual – o que importa não é só o sexo, mas também o namoro, gostar de certas partes do corpo, sentimentos
- Mudanças físicas na adolescência
- Revolução sexual – professor diz que o começo da vida sexual é especial, tem que estar preparado e aproveitar a infância, criança não é para ter outra criança.
- A resposta sexual do homem – a excitação
- Fimose
- Higiene – Professor fala que é muito importante a higiene, saber limpar os genitais, principalmente as meninas durante a menstruação.

Atividade 3:

Na dinâmica das “plaquinhas”, os alunos em grupo tinham que explicar os métodos anticoncepcionais escritos nas plaquinhas, mesmo se não soubessem tinham que tentar e depois o professor explicava cada um: Pílula, Diafragma, Tabela, Camisinha masculina, DIU e Camisinha feminina.

Atividade 4:

Na atividade de troca de informações são distribuídas perguntas para grupos de alunos que tentam responder para a turma e logo depois o professor esclarece. As perguntas distribuídas foram:

- “Se a ejaculação ocorre perto da entrada da vagina pode ocorrer a gravidez?”
- “Qual a média do tamanho do pênis?”
- “Onde ocorre a fecundação?”
- “Quando a ejaculação começa é possível ter filhos?”
- “Quantos óvulos amadurecem por mês?”
- “O que é período fértil?”
- “Se tiver só um testículo pode fecundar?”
- “Qual o nome do hormônio masculino?”
- “O que acontece com o esperma se o garoto não tiver atividade sexual?”
- “Como os garotos devem fazer a higiene nos órgãos genitais?”
- “Quais os nomes dos hormônios femininos?”
- “O absorvente interno pode se perder dentro do corpo?”
- “Para que serve a secreção que vai antes da ejaculação?”
- “Garota virgem pode usar absorvente interno?”

Um episódio chamou a atenção por demonstrar mais uma vez a especificidade das dúvidas dos alunos e a visão biológica do professor.

Na roda de debates os alunos perguntam muitas coisas como “se o tamanho do pênis é importante”, o professor diz que não, o que importa é o carinho, o amor, o afeto, pois nós somos animais racionais. “Se o cordão umbilical pode enforcar ou arrebentar?”, “se neném faz “cocô” dentro da barriga da mãe?”, “o que faz um neném nascer deficiente?”. O professor fala que ele é apenas um dinamizador, não sabe de tudo e quando não souber vai perguntar a um médico.

Vemos que a visão biológica está presente até mesmo na fala de que o professor vai procurar um médico quando não sabe. Por que um médico? Porque não conhecer em maior profundidade o que os alunos têm a dizer sobre a questão? Vemos também com esse episódio que as dúvidas biológicas vão tão além do que falam os livros didáticos que nem mesmo o professor sabe, nem mesmo eu, e quem sabe até você leitor não saberia respondê-las, então porque um livro didático ou um documento que prescreve o que deve ser ensinado (PCN) teria todas as informações de que os alunos necessitam em uma aula de educação sexual? Na verdade não tem, mas como os alunos têm, muitas vezes, vergonha de perguntar, essas dúvidas não aparecem.

Apesar das atividades biológicas, algumas atividades vão bem além, como por exemplo, a seguinte que discutiu a sociedade machista:

O professor propôs que cada aluno indicasse uma tarefa para outro aluno fazer, mas depois de todos indicarem as tarefas, quem teve que fazer a tarefa foi o próprio aluno que propôs. As tarefas propostas foram: rebolar, cantar, dançar forró, cantar música romântica, dar um abraço, recitar um poema, dançar o *tchan*, imitar cachorro no cio. O professor falou que a gente acaba propondo tarefas que a gente mesmo não gosta de fazer, para expor os outros. E perguntou para quem não quis fazer a tarefa o porque, a maioria dos alunos respondeu que era por vergonha ou porque não sabia fazer, mas o aluno que não quis abraçar o outro disse que não fez “Porque ele é homem, pega mal”. Então o professor vai ao centro da roda e pergunta se alguém quer abraçá-lo, um garoto vai e eles se abraçam, depois todo mundo se abraça. Ele pergunta se pegou mal alguém abraçar.

O professor pergunta “Porque pega bem ou pega mal?” e diz “Porque a sociedade é machista e homem não pode abraçar homem. Nós vivemos numa sociedade machista, o homem é criado para ser o dono da situação, ‘não pode chorar’, ‘não pode abraçar outro homem, sem maldade’. Abraço significa afeto, não precisa ser irmão, pai, filho, basta ser um amigo, querer bem. Tem outras sociedades em que se abraça, se beija, etc. Pode-se gostar de uma pessoa sem envolver sexo.

O professor pergunta ao aluno que propôs a tarefa do cachorro: “será que o cachorro é que está no cio?” Pergunta então “Porque a gente passa uma tarefa para outra pessoa que a gente mesmo não faria?” O aluno respondeu que para se divertir, para rir da outra pessoa. E o professor deixa no ar o questionamento: “Se divertir as custas do outro? É bom pensar até que ponto é bom a gente passar uma tarefa que a gente acha difícil”.

Percebemos que o conceito de amizade mais uma vez cai por terra, a amizade verdadeira entre homens não pode existir, muito menos o contato entre homens não pode existir, pois este é “estranho” e pode significar um amor homossexual abominável pela sociedade. As atitudes de um “homem” são prescritivas, ele não pode fazer isso ou aquilo, pois pode quebrar com a sua masculinidade. Um homem tem que ser forte, ao contrário da mulher, e não pode ser afetivo.

A questão de gênero também é discutida na atividade de pensar em um projeto de vida:

Uma aluna disse que “a mulher tem que ficar em casa e o homem trabalhar, pois senão quem vai tomar conta dos filhos?”, porém nenhum dos alunos (nem os meninos) concordou com ela, todos disseram que isso é opção da mulher, mas surgiu a afirmação de que o trabalho da mulher deve ser de meio período para dar tempo de cuidar da casa também. Depois a mesma aluna questionou sua opinião perguntando “se a mulher ficar em casa como é que ela vai se aposentar?”.

Uma outra aluna diz que a mulher tem que trabalhar, pois não pode depender do homem. Neste momento o professor fala que a opinião dele é igual a desta garota, um não pode depender do outro e a responsabilidade pelos filhos e pela casa é dos dois.

A sociedade ainda exige que a mulher seja dona de casa, apesar de muitas saírem para trabalhar, os próprios alunos se vem divididos entre a necessidade de não depender do outro, de se auto-manter e a necessidade da mulher cuidar da casa e dos filhos. A sociedade ainda coloca esse *fardo* em cima da mulher que tem que chegar em casa do trabalho e fazer todas as atividades domésticas. A própria aluna que concorda com essa atividade feminina percebe que isso é um fardo, pois a mulher dona-de-casa nunca se aposenta. Isso acontece desde a antiguidade clássica aonde

A vida matrimonial tinha sido caracterizada por uma repartição dos encargos e dos comportamentos na forma da complementaridade; o homem tinha que fazer aquilo que a mulher não poderia realizar, e ela, por sua vez, efetuava tarefas que não eram do âmbito de seu marido; era a identidade do objetivo (a prosperidade da casa) que dava unidade a essas atividades e a modos de vida, por definição, diferentes.¹⁰⁴

Em outro encontro do núcleo o professor passa um vídeo da série “Abrindo o jogo”, da MULTIRIO para os alunos sobre se os pais devem ou não falar sobre sexualidade (separando depois do lado de fora alguns alunos que fizeram bagunça). Uma aluna pergunta o

¹⁰⁴ FOUCAULT. op cit, 1997. p. 26

que é orgasmo e o professor responde que é ponto máximo do ato sexual de prazer, depois dele acaba o ato, o professor diz que vulgarmente é chamado de gozar e o homem ejacula. A resposta do professor ainda é muito biológica e dá para perceber que a garota queria saber um pouco mais. Porém a questão do prazer no sexo ainda é muito escamoteada nos conceitos biológicos, o prazer sexual deve ser escondido.

A questão da homossexualidade é discutida mais amplamente pela suspeita dos alunos sobre um aluno:

Enquanto o professor saiu da sala, um aluno começou a dançar pagode e outros garotos chamam ele de “viado”, mas ele continuou dançando, um garoto de outra turma chega na porta e manda um beijo para ele. Ele fala que uma garota está procurando um “macho” e ela diz que ele também, mas eles não o querem.

Disso começa uma discussão sobre homossexualismo aonde o professor perguntou o que eles achavam o quadro do “Pit Bicha” do programa Megaton da rede Globo, uma aluna falou que ele é homossexual, mas outros dizem antes que é bicha, boiola...

O Professor diz que homossexual é uma orientação sexual da pessoa, um caminho, um oriente a se seguir. Ele pergunta se os alunos acham que a pessoa fez uma opção, igual se opta em uma prova de múltipla escolha?

Alguns alunos dizem que é opção, escolha, outros dizem é uma atração que vem de dentro dele e que isso não é uma doença.

Um aluno diz que alguém o orientou errado.

Vários alunos falam que acham que é normal já que existem tantos homossexuais, porém uma aluna diz que não é normal porque é estranho, para que mudar se se nasce homem ou mulher.

Muitos alunos falam que acham *errado*, mas é opção dele, tem que se respeitar.

Um aluno fala que uma mulher beijou numa festa outra mulher na frente da filha e o professor fala que isso ele acha errado por causa da ética, pois a vida íntima de cada um tem que ser entre quatro paredes.

Uma aluna fala que um pai de um garoto “virou” homossexual e o filho está indo pelo mesmo caminho e o professor fala que às vezes a família obriga e só depois é que ele pode seguir o caminho dele mesmo. E que deve ser muito ruim fazer uma coisa sem querer pelos outros.

Professor diz que cada um só faz o que quer, a não ser que seja por pressão. Fala que o assunto não acabou e que é difícil de se esgotar, mas ele pede para pensarem na palavra “respeito”.

O homossexualismo é visto pela maioria dos alunos como algo anormal, o professor tenta contornar dizendo que é uma orientação da pessoa, porém também acha errado o beijo em público, pois este é íntimo. Será que é porque ele é íntimo mesmo, ou porque é repugnante ou chocante? Os heterossexuais se beijam em público e isso não é questionado.

O termo orientação usado pelo professor como um caminho da própria pessoal em que não se opta por ele, não é entendido pelos alunos, pois um aluno diz que alguém orientou

errado. Ora, essa resposta indica que se educa para algo e se assim é, alguém orientou *mal orientado*. Um preconceito como esse poderia ter sido mais explorado.

Porém percebemos ainda um certo preconceito por parte do professor, mesmo que seja pequeno e que haja ainda uma tentativa de fazer com que os alunos descubram que homossexualismo não é uma doença e que o respeito é fundamental. Ao mesmo tempo os alunos continuam afirmando que é *errado, estranho, não é natural*, pois *nasce-se homem ou mulher, para que mudar?*.

O homossexualismo em nossa sociedade atual é considerado anormal e desvio moral apesar de ter sido considerado normal e, até mesmo, mais amoroso do que o amor heterossexual de hoje. Na época clássica o amor homossexual estaria ligado à amizade, pureza, beleza, virtude, à transmissão de conhecimentos, ou seja, estaria ligado à questão da verdade tendo em vista que a mulher não seria virtuosa o bastante, nem teria saberes, sendo mesmo considerada artificial devido aos seus enfeites, maquiagem, roupas.¹⁰⁵

O discurso de que não se deve discriminar o homossexualismo, como o que ouvimos do professor citado antes, mostra-se falso na medida em que assistimos constantemente apelos sociais a sua negação enquanto opção sexual. Entretanto fica a questão: Será que apenas a não-discriminação adianta?

Os alunos nessa escola demonstram gostar das atividades e não faltam, até mesmo porque já estão na escola, percebe-se que os alunos gostam do núcleo até como fuga das aulas *chatas*.

O professor torna a aula dinâmica apesar de alguns alunos às vezes *bagunçarem* a aula, estes são ou excluídos da sala ou colocados em um canto, pois a disciplina é sempre necessária. A linguagem utilizada por ele não é só biológica (até mesmo porque ele não é um especialista nessa área), apesar de às vezes se amparar nela.

Embora haja relativa liberdade com utilização de atividades agradáveis para os alunos, no caderno de pergunta os alunos fazem muitos questionamentos que não são feitos no núcleo, principalmente a busca por conhecer o outro e a sua sexualidade. Neles surgem questionamentos tais como:

Perguntas como:

- se a pessoa é virgem?
- se namora ou se paquera?

¹⁰⁵ FOUCAULT, *op cit*, 1997.

- quem levaria e quem deixaria em uma ilha deserta?
- quais são as pessoas que ela gosta e que não gosta?
- se a pessoa está bem informada sobre o sexo?
- o que a pessoa acha das drogas e da liberação da maconha?
- quem a pessoa não gostou de beijar?
- o que a pessoa acha do mundo de hoje, o que acha que ele tem de pior e como gostaria que ele fosse?
- com que roupa a pessoa dorme?
- o que significa amor, paixão, falsidade, drogas, sexo, Deus, mãe e pai, para a pessoa?
- se a pessoa já foi traída e o que faria se fosse traída pelo seu namorado e sua amiga?
- qual o objetivo de vida da pessoa?
- qual o time e a escola de samba da pessoa?
- que pergunta gostaria de fazer para a dona do caderno?
- de que maneira a pessoa gostaria de perder a virgindade?
- se acredita em amor a primeira vista?
- se já gostou de duas pessoas ao mesmo tempo?
- o que o vento levou da pessoa e o que trouxe?
- qual seu sonho de consumo?
- qual sua fantasia sexual?
- se já lutou por um amor perdido?
- se sente saudades de um amor?
- como a pessoa se define?
- se a pessoa tem liberdade?
- se a pessoa é ciumenta, racista?
- se guarda rancor de alguém, se tem alguém que acha falso?
- uma coisa que não suporta?
- o que é preciso para conquistar alguém?
- qual o defeito da pessoa amada?
- do que se arrepende?
- se a pessoa se acha sexy?

As perguntas demonstram que os alunos querem saber muito sobre a sexualidade, porém não só sobre o aspecto biológico, mas da relação dos próprios adolescentes com a sexualidade, como cada um lida com ela.

Nas respostas à essas perguntas são destacadas a informalidade e a distância entre as respostas dadas na sala de aula, por exemplo, o fato de alguns alunos de 11 a 13 anos, homens e mulheres não serem mais virgens e escreverem isso nos cadernos (pois antigamente quando não se era virgem, se escondia e não se escrevia), mas em sala de aula ocultarem esse fato.

III.3 Escola C: Valorização das relações entre os adolescentes

A coordenadora do núcleo dessa escola é formada em história e tem duas matrículas na rede municipal, ministrando aulas de história e coordenando o núcleo. Os alunos são na maioria da 5ª e da 6ª série e vão à escola em outro turno para as atividades do núcleo de adolescentes.

As atividades desse núcleo voltam-se um pouco mais para as relações entre os adolescentes, o namoro, a paquera, o gostar de alguém etc. Porém muitas atividades têm teor biológico como, por exemplo:

Atividade 1:

A professora propôs a dinâmica da caixa de perguntas, em que os alunos retiravam de uma caixa perguntas feitas por eles e a professora responderia. As perguntas foram as seguintes:

- Com quantos anos o aluno começa a ter mentalidade de adolescente?
- A transa de adolescentes é proibida por lei?
- Com quantos anos a garota pode ter filhos?
- Menina também se masturba, como?
- Pode ocorrer gravidez na menopausa?
- Como devemos prevenir a AIDS?
- O que é DSTs?
- Qual seria a idade certa para namorar?
- O menino passa por algum processo biológico para poder ejacular?
- Como o cigarro envenena nosso corpo?
- Onde está a AIDS?
- Gostaria de saber mais sobre outras doenças sexualmente transmissíveis além da AIDS.
- Quando a mulher está menstruada ela não pode transar?
- Quando começou a AIDS?
- Álcool e cigarro misturados piora ainda mais a situação?
- Como evitar engravidar na pré-adolescência?
- Como é a maturidade?

Atividade 2:

Os alunos tinham que responder se as afirmações são falsas, verdadeiras ou se eles não sabem e para responder eles teriam que se dirigir ao canto da sala correspondente à resposta e depois justificar sua resposta, as afirmativas foram:

- O vírus HIV pode ser transmitido pelo mosquito.
- O vírus HIV pode ser transmitido pelo leite da mãe.
- A melhor prevenção do HIV é não fazer sexo.

- A bebida não é droga.
- Sou heterossexual, estou protegido contra o HIV

Com relação à essas afirmativas os alunos deram as respostas esperadas pela professora.

Nessas atividades mais voltadas às informações biológicas os alunos respondem de acordo com o que a professora espera e raramente perguntam além do que é esperado em um livro didático. As perguntas são efetivamente biológicas, parecendo que os alunos percebem que esse é um momento mais formal, apesar das atividades serem dinâmicas e atrativas.

Em outra atividade a professora propôs os alunos a discutirem em dupla sobre *o que é mais importante: o lado material ou os valores não materiais (emocionais), o ter ou o ser*. Os alunos novamente apresentaram a resposta pertinente ao esperado: os valores emocionais são mais importantes, mas então porque o mundo valoriza mais os materiais? A professora não explorou essa contradição, mas apresentou um questionamento diferente que vai além da proposta dos núcleos de adolescentes.

Uma atividade que chamou atenção foi que a professora fez uma proposta parecida (e bem parecida) com a proposta da peça sobre gravidez da escola B e o resultado também foi parecido:

A professora propôs aos alunos que fizessem um RPG¹⁰⁶ com a situação em que adolescente fica grávida de outro adolescente:

Os adolescentes se conhecem em uma festa sendo apresentados por amigos (os alunos ficam envergonhados) e resolvem sair da festa para se conhecerem melhor, encenam uma cena de sexo escondidos atrás de uma mesa. Na hora de combinar a cena a garota antes diz que ele como o homem é que deveria criar coragem para falar alguma coisa, a amiga completa dizendo que o menino “assanhado” não vai pedir diretamente, vai pedir para ir ali, vai criando um clima... até que resolvem transar.

Ela e ele estavam bêbados, porém ela pede para ele usar camisinha e ele diz que não. A garota um mês e meio depois faz exame e está grávida, conta para o garoto e ele diz que não lembra de ter transado com ela.

A garota pergunta para a mãe o que ela achava de uma menina engravidar e a mãe disse que era irresponsabilidade, mas que ajudaria. Então a garota conta para ela que ficou grávida e o pai, que entrou na hora, briga com ela.

Ao falar com os pais do garoto o pai dele diz que ele não tem que assumir, afinal não se sabe se o filho é dele mesmo. Mas depois da garota ir embora ele briga com o filho.

Os pais dos dois adolescentes se encontram e resolvem fazer o teste de DNA que diz que o filho é dele mesmo. O pai do garoto disse que é melhor abortar, mas a mãe diz que ele vai assumir (casar) e que ela vai ajudar a cuidar do bebê.

O final combina com o da escola B: os adolescentes se casam para ter o bebê, mas surgem nessa atividade questões como: a bebida que faz a pessoa esquecer e fazer coisas que não sente; a questão do garoto ser *assanhado* e fazer a garota transar (como se esta não quisesse); e o fato da mãe (avó) ajudar a cuidar do bebê, pois os adolescentes talvez ou não tenham capacidade para isso, ou não tenham responsabilidade.

Os alunos apresentam mais uma vez o que a sociedade exige que seja feito o casamento e não o aborto. Pois casar desde a antiguidade seria uma característica de moral individual e social, representaria um dever universal, pois foi desejado pela natureza que impulsiona o homem para se unir a uma mulher. O casamento se torna um título ao homem, um dever social, pois é útil para a sociedade ao trazer novos cidadãos e educá-los para viver nesta mesma sociedade.¹⁰⁷

Um contrato de trabalho também é feito nessa escola, porém a iniciativa desta confecção é dos próprios alunos que combinam e fazem um cartaz sobre *O que o adolescente precisa ter para participar do núcleo*:

- Criatividade
- Responsabilidade
- Assiduidade (não faltar às reuniões)
- Solidariedade
- Tempo disponível
- Gostar de passar adiante o que aprendeu de bom
- Respeito a outras opiniões
- Discrição

Nessas predisposições para participar do núcleo aparecem itens um pouco diferentes do da escola B, a disciplina fica em um segundo plano, apesar de também ser necessária, e aparece mais a amizade, solidariedade e respeito, provocados certamente, pela prática pedagógica exercida pela docente em sala de aula.

¹⁰⁶ Na verdade parecia mais uma peça improvisada na hora, a professora e os alunos pareciam não conhecer realmente um RPG, pois não havia um livro nem um mestre, a utilização do termo foi mais por estar na mídia e para parecer diferente.

¹⁰⁷ FOUCAULT. op cit, 1997.

Uma atividade que promove a reflexão dos relacionamentos e sobre o namoro é feita pela professora:

A professora faz um relaxamento com os alunos fechando os olhos e imaginando o cupido levando pelos ares, se sentindo leves, então eles iriam lembrar de uma pessoa que enamoraram ou amaram, e iam tentar diferenciar o que foi paixão, paquera ou amor na sua vida. Depois de pensar em todas as situações poderiam abrir os olhos.

Então em grupos iriam pensar no que significa e, depois, falar para o outro grupo:

- Paquera – quando fica afim de uma pessoa, olha diferente; tentativa de conquista por pouco tempo.
- Flerte – ficar; envolvimento rápido
- Paixão – Sentimento forte menor que amor.
- Namoro – Duas pessoas se gostam e assumem relacionamento; vem depois da paquera.
- Transa – Quando as pessoas se gostam e assumem a responsabilidade de transar; ato sexual.
- Envolvimento – tem a ver com namoro, mas tem mais responsabilidade.

A professora passa então o texto “O namorado” de Carlos Drummond de Andrade para cada um ler um parágrafo e pede para que os alunos sublinhem o que diz no texto que eles já sentiram e o que não sentiram. Passa para casa a resposta de um teste de Freud sobre namoro.

A professora pede, também, para os alunos inventarem um apelido carinhoso para o colega ao lado.

Nessa atividade percebemos o valor que a professora demonstra dar ao namoro dos adolescentes, que ao contrário de ser proibido, é saudável e até mesmo necessário. O carinho e a amizade também são valorizados com a divisão das tarefas em grupos e a colocação de apelidos carinhosos.

Algumas atividades feitas se assemelham à dinâmica dos cadernos de perguntas, como a descoberta de quem é o colega pela descrição de algumas características da pessoa, e a entrevista que apresenta um reconhecimento do outro nas perguntas feitas e respondidas, porém deixa de lado um pouco a sexualidade em si de cada um, fica mais no âmbito pessoal de cada aluno, no reconhecimento do que cada um gosta:

Um aluno entrevista o outro para saber o que mais gosta. Perguntas feitas:

- Qual a sua idade? Qual sua série?
- O que mais gosta de fazer?
- O que quer mudar na vida?
- O que te caracteriza?
- Qual o dia do seu aniversário? Qual seu signo?
- O que gosta de comer e o que não gosta?
- Você quer casar? E quer ter filhos?

- O que você sonha?
- Você quer encontrar um grande amor?
- Em que você quer se formar?
- Qual sua cor preferida?
- Qual seu peso e altura?
- Você gosta de ir ao núcleo?

Quando a professora designa uma aluna para dinamizar, esta aluna escolhe ler uma frase para os alunos dizerem se concordam ou discordam (uma dinâmica parecida com a da professora), porém algumas das frases causam polêmica por estarem relacionadas a questões sobre gênero:

- *Mulher só serve para pilotar fogão* - Todos alunos discordam.
- *Todo homem tem que gostar de futebol* - os garotos concordam, porque é necessário fazer um esporte e futebol é esporte mais para homem que mulher.
- *Apenas a mulher deve saber cozinhar* - Todos alunos discordam
- *O homem deve ser o único a sustentar a família* - Todos alunos discordam e falam que a mulher que trabalha fora tem uma carga maior de tarefas.
- *A mulher é sexo frágil* - Garotas dizem que nem todas as mulheres são frágeis e um garoto diz que a mulher chora, é mais sensível que o homem. A professora questiona se isso não é imposto pela sociedade e que homem pode chorar e ser sensível sim.
- *Amélia que é a mulher de verdade* - Todos alunos discordam.
- *Homem vaidoso é pouco masculino* - Todos alunos discordam e um garoto diz que homem que é homem não vai deixar de ser homem por querer ser bonito.
- *Atrás de um grande homem existe uma grande mulher* - Os alunos têm dúvidas e a professora questiona se a mulher estaria atrás empurrando o homem para frente, sendo subalterna, se não seria mais certo estar ao lado.
- *O homem tem que ajudar a cuidar dos filhos e da casa* - Todos alunos concordam e falam que a mulher precisa de ajuda.
- *O homem pode ter várias namoradas e a mulher não* - Todos alunos discordam e dizem que todos têm o mesmo direito e ninguém tem o direito de ser traído. Só pode ter um namorado qualquer um dos dois.
- *A mulher tem que ser virgem até o casamento* - Os alunos ficam com dúvidas.
- *O aborto tem que ser legalizado* - Os alunos discordam porque se a mulher engravidou tem que sustentar.

A professora propõe que as meninas coloquem as vantagens e desvantagens de ser homem e os meninos as vantagens e desvantagens de ser mulher e nesta atividade aparecem muitos preconceitos sobre gênero:

Mulher

Vantagens

- A mulher tem mais orientação da mãe.
- A mulher pode se masturbar sem ser chamada de gay.
- Pode menstruar e engravidar.
- Compreende melhor os sentimentos dos outros.

Desvantagens

- Cólica menstrual.
- Mulher que “fica” com muitos garotos ganha fama de galinha.
- Existe uma religião que proíbe cortar o cabelo.

Homem

Vantagens

- O homem não tem que arrumar a casa.
- Não engravidam.
- Podem namorar bastante sem ser chamados de “sabonete”.
- Podem namorar cedo.
- Ganham mais dinheiro com mesmo horário e função de uma mulher.
- São mais liberados do que as mulheres.

Desvantagens

- Muitos são incompreendidos.
- Eles têm que entrar no exército.
- Trabalham mais no “pesado”.
- São mais violentos que as mulheres.
- São irresponsáveis.

A liberação sexual masculina é um dos itens mais colocados pelos alunos que *pode namorar cedo, namorar muito sem ser chamados de sabonete, são mais liberados, não engravidam*, enquanto que as mulheres podem ser chamadas de *galinhas* se namorarem ou ficarem muito, *podem engravidar e menstruar*.

Outro item colocado é em relação ao trabalho, o doméstico que deve ser feito pela mulher e não pelo homem, enquanto que o homem tem que fazer trabalho pesado e ganha mais do que a mulher trabalhando na mesma função. Essa divisão de trabalho já era existente

na antiguidade clássica e Foucault, embora não enfatize a questão de gênero mostra em seus estudos a antiguidade dessas relações sexuais assimétricas ao afirma à luz da história:

*Por causa dos seus negócios, o homem deve ficar fora, ao passo que a mulher deve permanecer em casa (...) o marido tinha (...) dirigir sua esposa na atividade de dona de casa; a mulher, por seu lado, tinha que interrogar sobre o que não sabia e dar contas daquilo que tinha podido fazer.*¹⁰⁸

A subordinação feminina é questionada na discordância de que *Amélia é que era mulher de verdade, Mulher só serve para pilotar fogão* e outras, diferenciando do que a sociedade sempre pregou de que a mulher é menos inteligente por isso deve se subordinar. Aristóteles traduz esse pensamento atribuindo *ao homem a possibilidade de desenvolver, até a perfeição, virtudes que, na mulher, permaneciam inferiores e justificavam sua subordinação* (apud FOUCAULT)¹⁰⁹.

O temperamento feminino e masculino também é diferenciado, respectivamente, elas como compreensivas e eles como violentos/irresponsáveis.

A religião parece interferir mais no comportamento feminino do que no masculino. A mulher, no caso exposto, nem pode cortar o cabelo, como colocam os meninos na avaliação que relatam.

A obrigação do serviço militar, que representa o controle e a disciplina dos corpos, é tida como um aspecto negativo, em contraposição a orientação maior da mãe que é colocada como positiva pelos meninos. Essa orientação não significaria maior controle? Será este controle percebido como positivo pelas garotas? Nisso percebemos que as mulheres em seu sexo e seu corpo devem ser mais submetidas ao controle social do que os homens.

Uma atividade questiona o consumo e a aceitação das drogas, porém faz isso na apresentação/simulação da realidade pela leitura de histórias sobre drogas aonde os alunos vão dizer quais são as informações principais do texto.

A professora pergunta, então, *o que vocês diriam para uma pessoa que lhe oferecesse drogas?* E após os alunos explicarem como diriam *não*, a professora lê um texto sobre formas de dizer *não*. Apesar de induzir ao *não* ela explica uma forma de dizer esse *não*, que muitos alunos não sabem colocar.

¹⁰⁸ FOUCAULT. op cit, 1997. p. 27.

¹⁰⁹ Op cit, 1997. p. 29.

Correlato a observação das atividades e das narrativas colhidas em sala de aula, me preocupei em observar e analisar as questões colocadas espontaneamente pelos alunos nos cadernos de perguntas considerados pela escola como instrumento de subversão às normas escolares, por isso destaco questões desses cadernos que considero de importância a este trabalho monográfico:

- Se é romântica(o) (maioria das garotas dizem que sim)
- Quem levaria pra uma ilha deserta (namorado, paquera ou artista)
- Sonho de consumo – profissões, amor, casamento fiel, casa própria, namorar a feiticeira
- Escrever um verso para o amor (a maioria escreve sobre amar e não ser amado)
- Qual programa de tv e filme que mais gosta (para as meninas aparecem filmes românticos, como titanic, e novelas, para os meninos aparecem filmes de briga e programas de auditório como O+ e o programa do Ratinho)
- Já foi desprezado por quem ama - todos
- O que sente ao ser beijado – prazer, emoções, nada, vontade de beijar mais, tesão, amor, algo muito forte, muitas coisas, como estar no céu
- Qual objetivo de vida – estudar, casar, ser feliz, ter um amor, ser bom marido
- Com quantas pessoas já saiu – muitos perderam as contas
- Quem é sua confidente – amigas, Deus, mãe, própria mente
- Se fugiria com seu amor – muitos depende, mas outra disse que não pois seu pai iria ficar chateado
- O que pediria a um gênio – paz mundial, amor, amizade, saúde, felicidade, ética para todos, que os pais voltem a viver juntos, casa e automóvel
- Dê um conselho – saia com quem quiser; veja como é a pessoa que está gostando; faça o que tem vontade; seja feliz; não vá pela cabeça das pessoas e sim pelo “bom” caminho; não faça sexo; seja menos tímida; não saia com todo mundo senão será chamada de sabonete
- O que faria se o mundo acabasse hoje – namoro, perda de virgindade, fazer o que não fez
- O que lançaria moda – sair de calcinha e sutiã ou cueca pela rua, não haver traição
- O que acha da AIDS, morte, coisa ruim que pode ser evitada e respostas biológicas
- O que acha do aborto - péssimo, um crime, uma pouca vergonha, porém uma diz que é uma saída
- Por que está respondendo o caderno – para mostrar um pouco de si, escrever o que não tem coragem de falar

Um dos fatos que percebemos com as perguntas e respostas é que o romantismo está presente na maioria das opiniões de garotas, no filme, no verso que escrevem, nas situações que vivenciam, no sentimento com relação ao beijo (principalmente na frase *é como estar no céu*) o amor romântico que perpetuou com a burguesia para se qualificar como a verdadeira concepção de amor se expressa na exigência de um amor:

Permanente, que se refaça a cada dia, e na busca deste equilíbrio estamos prestes a negociar qualquer outro interesse do mundo. No período de ascensão do otimismo civilizatório burguês, o romantismo teve como manter sua eficácia simbólica. A projeção narcísica dos ideais de perpetuidade nos filhos e netos, a submissão das mulheres ao papel de esposa e mãe; as regras do pudor e dos preconceitos sexuais; a liberdade sexual do homem; a indissolubilidade do casamento e, finalmente, as grandes paixões utópicas e revolucionárias na esfera da política, da arte, da ciência, da tecnologia, nos séculos XVIII, XIX, contribuíram para que o ideal romântico da felicidade se conservasse simultaneamente intocado e circunscrito à área da satisfação afetiva individual. Hoje tudo isto tornou-se residual. A cultura da banalização e da descrença nas esperanças políticas retirou do romantismo sua função restrita de “uma felicidade entre outras”, para elevá-lo à condição de “única felicidade que restou” num mundo sem compaixão.¹¹⁰

O ideal de amor perfeito espelha-se na importância da mídia, aonde procura-se o outro não na pessoa real, mas artistas distantes e idealizados como a feiticeira para o garoto. O sofrimento pela não perfeição do seu amor, pelo desprezo ou falta de um amor recíproco torna a busca de uma felicidade/amor como constante e as decepções também, o amor e o casamento se tornam objetivo de vida e de consumo.

A necessidade de uma maior liberação sexual vem expressa nos conselhos, no último desejo se o mundo fosse acabar, na moda de sair só de calcinha e sutiã ou cueca, mas em contraposição o controle é temido, não se quer decepcionar os pais que são até mesmo confidentes, e se faz presente na necessidade de ética no mundo e na necessidade de se seguir o “bom caminho”.

Os conceitos sobre AIDS e aborto vem acompanhados dos conceitos que a sociedade veicula como, respectivamente, morte e coisa ruim que pode ser evitada, crime e pouca vergonha. Porém percebemos que apesar da sociedade veicular esses conceitos o aborto ainda é visto como uma saída e escrito no caderno de perguntas como tal, coisa que não acontece em sala de aula.

A necessidade dos não ditos se torna evidente nesse caderno de perguntas e se demonstra mais efetivamente com as respostas à pergunta: *Por que está respondendo o caderno?* Onde os alunos demonstram a necessidade de falar de si para os outros e a maior liberação/desinibição de, ao invés de fazer isso falando frente-a-frente com o outro, escrever.

¹¹⁰ COSTA, Jurandir Freire. Sexo e Amor em Santo Agostinho. IN: A Sexualidade nas Ciências Humanas. p. 133-159. Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 1998.

Conclusão

A educação sexual, ou a sexualidade na escola, foi e continua sendo um dispositivo que pode estar incluído entre as técnicas de controle e poder que se apresenta pela valorização da prevenção a doenças e da gravidez fora de “época”. Ela ocorre pelo exaustivo tratamento biológico das questões relativas à sexualidade, como se estas fossem pertencentes apenas a esse âmbito e como se o prazer fosse inexistente. A satisfação pessoal, conforme o pensamento dominante em nossa sociedade, se daria apenas pelo consumo e, por isso, o sexo e suas conseqüências (filhos e doenças) seriam empecilhos à satisfação.

A sexualidade não é apenas negada ou subtraída na nossa sociedade, como podem fazer crer os discursos dominantes, ela se constitui em uma técnica de controle e por isso é preciso que se fale para conhecê-la e nela exercer esse controle pelo seu encobrimento ou seu falso encobrimento.

Durante o decorrer da pesquisa apresentaram-se muitas formas de afirmação desse controle social, principalmente na concepção enfatizada pelos professores-coordenadores desses núcleos de que a sexualidade é algo pertencente ao campo do biológico e nas afirmativas e respostas dadas pelos alunos com relação a uma sexualidade científica e proibida socialmente.

Os professores, muitas vezes, designam o que acham que os alunos devem ou que não devem saber pela sua adequação ou não a eles. Essas designações representam novamente o controle da *vontade de saber* pelo professor e pela sociedade que indica o *certo* e o *errado*, o *permitido* e o *proibido*, o que deve ser *escondido* e o que deve ser *aparente*. Os alunos percebem esse controle e, assim, assimilam o que devem fazer e dizer na escola e o que é mais adequado para falar e fazer escondido da escola, da sociedade e da família.

Um aspecto que chama a atenção é o de que o professor mais científico (escola A) tenta, de forma mais intensa do que os outros professores, exercer esse controle e o faz através da afirmação da importância das informações biológicas, com isso podemos concluir que, de certa maneira, as ciências humanas ainda possibilitam uma maior reflexão sobre o valor de outros aspectos com relação à sexualidade, mesmo que isso não se dê de forma prioritária.

O que os alunos realmente querem saber e fazer (suas curiosidades reais), na maioria das vezes, não se apresenta na escola, e sim de forma mais intensa em meios que escapam à disciplina da mesma, como os cadernos de pergunta pesquisados que falam da

... e se apresenta na escola, nas atividades escolares, no laboratório, na sala de aula, em que se produz o discurso da disciplina, da transmissão. Por práticas publizimárias (o não-dito), as bancas dos

salas de o la e os minutos escolares,

sexualidade de uma maneira não exclusivamente biológica, mas interligada aos relacionamentos e conhecimento do outro, às emoções, aos sentimentos, ao prazer e mesmo à dor.

Isso não significa que os alunos não queiram informações biológicas, mas que eles não querem só estas, que são dadas distanciadas do contexto de vida deles. Os não-ditos são procurados nas informações colhidas na vida e nos relacionamentos que eles têm, por isso são buscados não somente na escola, um espaço onde não se interligam a informação biológica com a busca do outro e com a vida em si.

Os alunos acorrem aos núcleos pelo desejo de conhecer sobre a sexualidade e disto falar, mesmo não sendo atendidos em todas as suas dúvidas, que às vezes nem são associadas por eles à sexualidade, por terem um conceito de sexualidade determinado pela sociedade como algo *proibido*, daí, compartilharem saberes com outros alunos, saírem (momentaneamente) de um contexto social e familiar onde falar sobre esse assunto é negado, para relacionarem com o *outro* e assim poderem, então, realmente refletir sobre a sexualidade.

Podemos verificar que, mesmo dentro do mecanismo de controle da sociedade, a escola consegue oferecer alguma resistência com relação a essa negação do sexo e do prazer.

Essa resistência se apresenta na existência de atividades nos núcleos de adolescentes que não são voltadas à informação científica e em outras atividades que, apesar de estarem ligadas às informações científicas, vão além das perguntas e respostas que a sociedade espera que sejam efetuadas no contexto escolar.

Apesar de encobrir certas questões os núcleos de adolescentes representam um caminho para que o silenciamento do sexo na escola seja quebrado. Caminho este percorrido entre os *ditos* e *não-ditos*. Caminho que pode desembocar em um contexto em que o encobrimento ou falso encobrimento não seja necessário, pois o controle social ao representará mais o objetivo da sociedade.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Nilda. Espaço e tempo de ensinar e aprender. IN: Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. 10^o. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ALVES, Rubem. E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais. SP: Papyrus, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997a. (Volume 8)
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b. (Volume 10)
- CERTEAU, Michel de. A cultura no Plural. São Paulo: Papyrus, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. Sexo e Amor em Santo Agostinho. IN: A Sexualidade nas Ciências Humanas. p. 133-159. Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 6^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. História da Sexualidade I- a vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1990.
- _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal 1992.
- _____. A mulher/Os rapazes: História da sexualidade (extraído da História da Sexualidade v. 3) Michel Foucault; tradução de Maria Theresa da C. Albuquerque – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HENZ, Alexandre de Oliveira. Michael Foucault: um Pensador das Redes de Poderes e das Lutas Sociais IN: Revista Educação, Subjetividade & Poder. V.3(jun/jul.1996) Porto Alegre: UFRGS/ Ed. Unijuí,1996.
- MARANHÃO, Helena Ponce. A diversidade e seus sentidos nos parâmetros curriculares nacionais (5^a a 8^a séries do ensino fundamental): questões prévias. ANPED: 2000.
- NIETZCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- NOVO TESTAMENTO, Mateus, 26: 41.
- NUNES, César. O estatuto epistemológico dos discursos contemporâneos sobre sexualidade: re-aproximações histórico-filosóficas necessárias e algumas considerações analíticas impertinentes. IN: Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação. Ano 16, n. 30 (julho-dezembro de 1998). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1983.
- OTRANTO, Célia Regina. A Universidade Rural e a discussão sobre os Institutos Superiores de Educação. IN: Pedagogo ou Professor. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

REIS, Maria Amelia G. de S. A sexualidade, o ensino de ciências e saúde nas escola pública pela busca do exercício da cidadania. Dissertação de mestrado, UFF. 1992

_____. Educação Sexual nos PCNs: o feitiço e os feiticeiros. ANPED: 1998.

_____. (Re)Invenção da Escola Pública : A Sexualidade e a Formação Continuada dos Jovens Professores. Projeto de pesquisa apresentado à UNI-RIO. Mimeo. 1999.

_____. A Sexualidade e os Escolares da Educação Fundamental: Entre a Vontade de Saber e o Cuidado de Si. ANPED: 2000a.

_____. Sexualidade nas Ciências Humanas tempos e lugares capítulo 1 da tese de doutoramento, mimeo, 2000b.

GALLO, Silvio. Disciplinaridade e transversalidade. IN: Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. 10º. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber – Esboço de uma problemática do saber docente_IN: Revista Teoria e Educação, Rio de Janeiro 4, 1991

UBERTI, Luciane. A sujeição moral do infantil-cidadão no currículo nacional. ANPED: 2000.